

ORGANIZADOR

Tayson Ribeiro Teles

FILOSOFIA E LINGUAGEM

estudos bakhtinianos



ORGANIZADOR

Tayson Ribeiro Teles

FILOSOFIA E LINGUAGEM

estudos bakhtinianos

2019 | São Paulo |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados

Copyright do texto © 2019 os autores e as autoras

Copyright da edição © 2019 Pimenta Cultural

Esta obra é licenciada por uma *Licença Creative Commons: by-nc-nd*. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

Comissão Editorial Científica

Alaim Souza Neto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Alexandre Antonio Timbane, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil
Alexandre Silva Santos Filho, Universidade Federal do Pará, Brasil
Aline Corso, Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves, Brasil
André Gobbo, Universidade Federal de Santa Catarina e Faculdade Avantis, Brasil
Andressa Wiebusch, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Andreza Regina Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Angela Maria Farah, Centro Universitário de União da Vitória, Brasil
Anísio Batista Pereira, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Arthur Vianna Ferreira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Beatriz Braga Bezerra, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Bernadette Beber, Faculdade Avantis, Brasil
Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos, Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Cleonice de Fátima Martins, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Daniele Cristine Rodrigues, Universidade de São Paulo, Brasil
Dayse Sampaio Lopes Borges, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
Delton Aparecido Felipe, Universidade Estadual do Paraná, Brasil
Dorama de Miranda Carvalho, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Elena Maria Mallmann, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Elisiane Borges leal, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Elizabeth de Paula Pacheco, Instituto Federal de Goiás, Brasil
Emanuel Cesar Pires Assis, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Francisca de Assiz Carvalho, Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Gracy Cristina Astolpho Duarte, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Handherson Leylton Costa Damasceno, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Heloisa Candello, IBM Research Brazil, IBM BRASIL, Brasil
Inara Antunes Vieira Willerding, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Jacqueline de Castro Rimá, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Jeane Carla Oliveira de Melo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil





Jerônimo Becker Flores, Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Joelson Alves Onofre, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil
Joselia Maria Neves, Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Júlia Carolina da Costa Santos, Universidade Estadual do Maro Grosso do Sul, Brasil
Juliana da Silva Paiva, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil
Kamil Giglio, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Laionel Vieira da Silva, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Lidia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ligia Stella Baptista Correia, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Luan Gomes dos Santos de Oliveira, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Lucas Rodrigues Lopes, Faculdade de Tecnologia de Mogi Mirim, Brasil
Luciene Correia Santos de Oliveira Luz, Universidade Federal de Goiás; Instituto Federal de Goiás., Brasil
Lucimara Rett, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Marcio Bernardino Sirino, Universidade Castelo Branco, Brasil
Marcio Duarte, Faculdades FACCAT, Brasil
Marcos dos Reis Batista, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil
Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Maribel Santos Miranda-Pinto, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal
Marília Matos Gonçalves, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Marina A. E. Negri, Universidade de São Paulo, Brasil
Marta Cristina Goulart Braga, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Michele Marcelo Silva Bortolai, Universidade de São Paulo, Brasil
Midierson Maia, Universidade de São Paulo, Brasil
Patrícia Biegging, Universidade de São Paulo, Brasil
Patrícia Flavia Mota, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Patrícia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ramofly Ramofly Bicalho, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Rarielle Rodrigues Lima, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Raul Inácio Busarello, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ricardo Luiz de Bittencourt, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil
Rita Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Rosane de Fatima Antunes Obregon, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Samuel Pompeo, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Tadeu João Ribeiro Baptista, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Tarcísio Vanzin, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Thais Karina Souza do Nascimento, Universidade Federal Do Pará, Brasil
Thiago Barbosa Soares, Instituto Federal Fluminense, Brasil
Valdemar Valente Júnior, Universidade Castelo Branco, Brasil
Vania Ribas Ulbricht, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Wellton da Silva de Fátima, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Wilder Kleber Fernandes de Santana, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Direção Editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas	Marcelo Eyng
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Ligia Andrade Machado
Imagens da capa	nensuria, Jcomp, rawpixel.com / Freepik
Editora executiva	Patricia Biegging
Revisão	Organizador
Organizador	Tayson Ribeiro Teles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F488 Filosofia e linguagem: estudos Bakhtinianos. Tayson Ribeiro Teles - organizador. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. 73p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7221-066-9 (eBook)

1. Filosofia. 2. Linguagem. 3. Ensino. 4. Tecnologia. 5. Comunicação. I. Teles, Tayson Ribeiro. II. Título.

CDU: 1(091)
CDD: 101

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.669

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766-2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



2019



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
Capítulo 1	
Linguagem e Filosofia: uma breve biografia de Mikhail Bakhtin.....	11
<i>Tayson Ribeiro Teles</i>	
Capítulo 2	
Mikhail Bakhtin: alguns conceitos precípuos	30
<i>Tayson Ribeiro Teles</i>	
Capítulo 3	
A Relação entre Bakhtin e a comunicação científica no Brasil	50
<i>Fernando Barcellos Razuck</i> <i>Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck</i>	
AUTORES E AUTORAS.....	70
ÍNDICE REMISSIVO	72



PREFÁCIO

Este livro chama-se “Filosofia e Linguagem: Estudos Bakhtinianos”, porquanto alberga 4 pesquisas que se relacionam com os estudos filosóficos e linguísticos de Mikhail Bakhtin, Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev. Estes três pensadores russos do século XX, liderados pelo primeiro, formaram um grupo de estudos chamado “Círculo de Bakhtin”. Os estudos gestados no âmbito desse grupo reverberam, com efeito, no mundo acadêmico ocidental até os dias de hoje.

Em suas obras, Bakhtin expõe seu método de interpretação e análise de signos ideológicos. Para o filósofo, a compreensão do processo de refração e influência mútua entre o ser e o signo deve se amoldar às seguintes regras: manter sempre unidos a ideologia da realidade social e o signo; manter o signo associado constantemente às formas concretas da comunicação social; e nunca dissociar a comunicação e suas formas ou gêneros de suas bases existenciais materiais (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014).

O pensador russo rechaça a possibilidade de expressões/enunciações unilaterais. Só existimos por haver um outro, que nos determina, nos ensina a língua(gem). “Resumidamente, podemos afirmar que, em Bakhtin, o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso. [...] A palavra é sempre também palavra do outro” (FLORES, 2008, p. 59).

Nesse sentido, Bakhtin vai de encontro a:

[...] um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto aos social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido como um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu-para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu-para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido (SOBRAL, 2014, p. 28).



A partir dessa valorização do outro, é como se dissesse Bakhtin: bem, é esta nossa realidade? Somos oprimidos diariamente pelos donos do capital/poder (que também são donos do Estado)? Somos molestados em direitos, enquanto nossos políticos têm tudo do bom e do melhor? Então, mesmo sem poder mudar essas condições, mudemos nosso agir. Mudemos juntos. Nós e nossos outros. Mudemos nossas formas de viver nessas condições. Repelamos o que humilha demais, o que não nos permite ser felizes; “busquemos nossas melhoras”, não nos quedemos passivos vendo a vida passar. Corramos com a máxima força que conseguirmos em direção ao alcance de nossos objetivos. Mesmo se não conseguirmos, lutamos, não fomos covardes. Além disso, caso erremos, assumamos nossos erros, digamos a “verdade”. Tenhamos responsabilidades, ou melhor, exercitemos a responsabilidade inata ao viver em si mesmo, pois apenas por estarmos vivos temos a responsabilidade de nos manter vivos, de não morrer, nos dando comida a nós mesmos, nos protegendo etc.

O mundo físico (da vida) está aí, nos é dado como um “necessário”, aquilo que não pode ser diferente do que é, mas o mundo da cultura (da teoria) pode sim ser contestado, ser modificado. Vivamos neste mundo onde, como emplacou Bakhtin (2012), não temos alibi, ou vivemos ou vivemos! Não aceitemos que a forma e o conteúdo de nossas decisões éticas devam ser pautados por moralidades transcendentais, mas sim por decisões nossas na vida concreta¹.

Bakhtin “destaca o sujeito não como um fantoche das relações sociais, mas como um agente, um organizador de discursos, responsável por seus atos e responsivo ao outro” (SOBRAL, 2014, p. 24). Para o filósofo os outros sabem de nós aquilo que não

1. Bakhtin e seus amigos do Círculo de Bakhtin refutam “[...] a ideia de decisões morais que existam independentemente do processo concreto [de decisão] e do caráter situado do sujeito” (SOBRAL, 2014, p. 23).

conseguimos saber sobre nós mesmos, bem como sabemos deles o que eles não conseguem saber de si mesmos, o que torna necessário a interação para a completude da vida. Claro que, por certo, as cordas sociais que nos prendem aos discursos, no sentido foucaultiano, que nos ordenam, são muito fortes. Como lembra Sacadura Rocha (2011) até o amor pode ser servir de domesticação social quando o infligimos a uma criança com medos diversos em seu crescimento. Mas, com luta, sim, podemos ser agentes organizadores de discursos, sermos referência para a resposta que o outro espera na comunicação verbal. É a partir dessas perspectivas que lhes apresentamos o presente livro.

O primeiro capítulo da obra, chamado “Linguagem e Filosofia: uma breve biografia de Mikhail Bakhtin”, de minha autoria, é uma homenagem a Bakhtin. O filósofo russo é um grande autor da seara dos estudos da filosofia da linguagem e da linguística, mas seus pensamentos soam por diversas outras áreas da sociedade. O texto visa apresentar Bakhtin a quem não o conhece ainda, sintetizando sua história de vida e seu pensamento. Não ingressamos no mérito das principais teorias de Bakhtin, apenas falamos resumidamente de sua vida, sua história, suas contradições. É uma superficial análise biográfica descritiva do homem Bakhtin.

O segundo capítulo, chamado “Mikhail Bakhtin: Alguns Conceitos Precípuos”, também de minha autoria, abriga reflexões sobre alguns conceitos-chave do filósofo e filólogo russo. Bakhtin falou sobre muitos assuntos e no texto tratamos de 5 (cinco) de seus precípuos temas: Enunciação Concreta (ou Enunciado Concreto), Ideologia, Dialogismo, Polifonia e Gêneros do Discurso. Em síntese, para Bakhtin, a vida é um plexo de várias relações, em vários tempos e ocorridas entre diversos e adversos sujeitos, todos pensantes. Por isso, importa que respeitemos e valorizemos todas as pessoas. Todas. É tarefa difícil dadas as falsidades, hipocrisias e malvezas de alguns seres humanos, mas precisamos tentar, todos os dias.



O terceiro capítulo, chamado “A Relação entre Bakhtin e a Comunicação Científica no Brasil”, de autoria de Fernando Barcellos Razuck e Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck, fechando o livro, analisa a psicologia histórico-social, da qual Bakhtin é um dos principais expoentes. Consoante os autores, essa psicologia possui grande relevância em diferentes áreas do conhecimento, inclusive em discursos que envolvem a Comunicação Científica. O capítulo faz uma revisão de publicações sobre Comunicação Científica que utilizam Bakhtin como referencial teórico, principalmente àquelas relacionadas ao processo de educação científica. Assim, os autores concluem que as pesquisas voltadas para a educação científica, com enfoque na Comunicação Científica, estão em crescimento no país, podendo-se afirmar que Bakhtin possui grande importância nas discussões para a construção de uma sociedade mais crítica com relação à prática da Ciência e Tecnologia (C&T).

Desejamos-lhes uma boa leitura!

Tayson Ribeiro Teles
Organizador



Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. 2. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLÓSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

SACADURA ROCHA, José Manuel de. *Michel Foucault e o Direito*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

SOBRAL, Adail. *Ato/atividade e evento*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 11-36.



1

Tayson Ribeiro Teles

LINGUAGEM E FILOSOFIA: uma breve biografia de Mikhail Bakhtin

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.669.11-29



Resumo: este texto é uma homenagem ao pensador, filósofo, historiador e filólogo russo do século XX Mikhail Bakhtin. Bakhtin é um grande autor da seara dos estudos da filosofia da linguagem e da linguística, mas seus pensamentos reverberam por diversas outras áreas da sociedade. Atualmente, é um autor muito respeitado academicamente e muito utilizado como suporte teórico de pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais. O texto visa apresentar Bakhtin a quem não o conhece ainda, sintetizando sua história de vida e seu pensamento. Não ingressamos no mérito das principais teorias de Bakhtin, apenas falamos resumidamente de sua vida, sua história, suas contradições. É uma superficial análise biográfica descritiva do homem Bakhtin. O autor acredita que a palavra dita é o signo ideológico primordial de um sistema linguístico. Assim, de matriz marxista, Bakhtin acredita que a linguagem e a ideologia caminham juntas sempre. Neste texto, trabalharemos sobre o pensamento de Bakhtin relacionado à ideologia e ao contexto. Ao avaliarmos qualquer enunciado, a fim de saber suas razões de ser, cabe extirpamos de nossas mentes a explicação de causalidade mecanicista dos fenômenos ideológicos, pois nada é imotivado e tudo sempre é dito dentro de um contexto, afirma o autor.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin. Filosofia. Linguagem. Análise biográfica descritiva.

INTRODUÇÃO

Não é fácil ler a obra de Bakhtin. Ele não produziu nenhuma sùmula de sua teoria, onde se encontram todos os conceitos acabados e bem definidos. Ao contrário, ao longo de sua vida foi desenvolvendo um projeto intelectual, que perseguiu com tenacidade, e foi trabalhando as noções que criava, refinando-as, modificando-as.¹

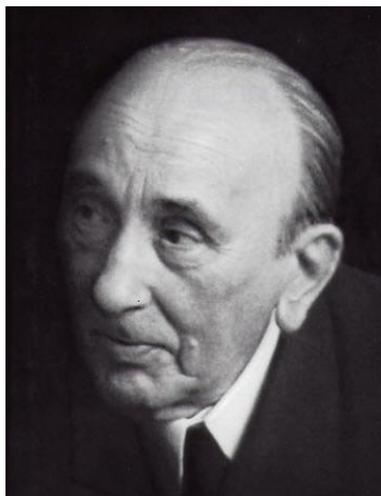
José Luiz Fiorin

Este texto é um tributo a Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, filósofo, historiador e filólogo russo nascido em 1895 e falecido em 1975. A seguir temos duas imagens do pensador, na primeira Bakhtin é bem jovem, provavelmente com menos de 30 anos, na segunda está maduro. Evidentemente, de pronto, sabemos que as imagens se referem a uma mesma pessoa, pois os traços são muito parecidos, correto?

Imagem 1: Bakhtin jovem?



1. FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin. Versão ePUB 2.0*. São Paulo: Ática, 2011, p. 6
 2. Mikhail Bakhtin, foto sem indicação de data, local e autor, disponível em: <http://lounge.obviou-smag.org/pilulas_da_literatura/2014/08/um-russo-que-conquistou-o-ocidente-mikhail-bakhtin.html>. Acesso em: 11 maio 2019.

Imagem 2: Bakhtin maduro³

Claro que não! Começamos com esse exemplo para entendermos exatamente o que Bakhtin/Voloshinov (2014) rechaçou: o óbvio, a objetividade dos signos, dos significantes. Para Bakhtin uma imagem, uma palavra e/ou um som nada querem dizer quando vistos isoladamente. Não há como afirmarmos que as duas imagens se referem à mesma pessoa em fases diferentes. São duas imagens opostas/diferentes. Nada as une. Para as relacionarmos precisamos de informações, de conhecimentos sobre o contexto de forjamento delas, de datas, de dados, de interpretações, conexões.

Portanto: os signos nada dizem, é preciso ver seus contextos de produção, as lutas ideológicas que os versaram. Isto é ser bakhtiniano! Ser bakhtiniano é, como disse Bakhtin (2012), agir responsivamente, tanto no sentido de ser responsável em interpretações e atos humanos como um todo, mas também de agir sempre respondendo ao Outro, conversando, dialogando, duvidando.

3. Mikhail Bakhtin, foto sem indicação de data, local e autor, disponível em: <<http://ec-dejavu.ru/b-2/bakhtin-1.html>>. Acesso em: 11 maio 2019.

Erigindo atos responsáveis, como no exemplo em que acabamos de criar, negando qualquer semelhança física entre o Bakhtin jovem e o Bakhtin maduro, aprioristicamente. As imagens não nos dizem nada. Milhares de leituras e ilações são possíveis. Os signos não são objetivos!

Na segunda parte de “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, obra clássica do Círculo de Bakhtin, Bakhtin/Voloshinov nos lembra de que não sabemos o que é a linguagem, absolutamente. Empiricamente, e em senso comum, dizemos ser ela a fala, a expressão da língua, um plexo de dispositivos signológicos que significam objetos etc. Entretanto, factualmente, não sabemos o que é a linguagem.

Diz o pensador que até tentamos e temos – nós humanos - a pretensão de captar a natureza real dos objetos, os significando por meio da linguagem, todavia, “acontece que, em nosso caso, os olhos e as mãos se encontram numa posição difícil: os olhos nada veem, as mãos nada podem tocar, é o ouvido que, aparentemente mais bem situado, tem a pretensão de escutar a palavra, de ouvir a linguagem” (BAKHTIN, 2006, p. 68).

Nessa direção:

Ser bakhtiniano [...] é estar atento [...]; é enfrentar uma teoria em que a definição dos conceitos encontra-se dispersa em obras de diversos autores; é promover aquela “caça ao tesouro” da construção do sentido fora e dentro do aspecto verbal de um enunciado. Ser bakhtiniano, portanto, é conversar com o enunciado concreto, e não analisa-lo como um objeto inanimado. Porque ele fala [...] (FARIA E SILVA, 2013, p. 69).

Percebendo a relevância atual de Bakhtin, nas linhas vindouras tentaremos realizar um esborço de seus pensamentos, suas ideias, suas teorias, sem, contudo, obviamente, querer limitar a grandeza da filosofia bakhtiniana às curtas e singelas páginas deste escrito.



BAKHTIN EM VOGA NO SÉCULO XXI

Alerta-nos Fiorin (2011) que hodiernamente Bakhtin é um estudioso que está “na moda”. É muito citado, discutido, comentado. Suas ideias estão incrustadas até no discurso da pedagogia em níveis fundamental e médio. Nessa nova tendência de quase tudo “bakhtinianizar”, conta ele que existem os que erigem uma perspectiva teológica de Bakhtin, trazendo suas teorias como dogmas ou verdades supremas, nos sendo permitido apenas comentá-las. Estes se acham “guardiões temíveis do ‘texto sagrado’”. Para eles, ninguém compreendeu direito os conceitos bakhtinianos nem percebeu sua complexidade [senão apenas eles]” (FIORIN, 2011, p. 6). Contrariamente, diz o autor, há outros que simplificam demais as noções que Bakhtin construiu, chegando a vulgarizá-las grosseiramente⁴. Para este pesquisador, o correto ou mais indicado é fugirmos dessas duas perspectivas. O pensamento de Bakhtin nem é impossível de ser entendido nem é simples demais. Basta nos dedicarmos com agudez e percuciência necessárias e conseguiremos desvendá-lo.

Para o autor, o pensamento bakhtiniano é original, porquanto inovou em assuntos sobre linguagem, mas tal originalidade não nos proíbe de melhorar e refinar os conceitos que o pensador russo nos deixou de presente. Afinal, “nada mais antibakhtiniano do que a compreensão passiva ou a aplicação mecânica de uma teoria” (FIORIN, 2011, p. 6-7). Isto posto, fica clarividente que ao estudarmos Bakhtin podemos também complementar/criticar suas ideias.

4. Como nos diz Beatriz Sarlo “a complexidade de Bakhtin (esse traço vanguardista que faz com que nunca seja encontrado onde procuramos, nem atraque definitivamente em algum lugar, esse fluir de sentido e de contradição que são seus textos) torna ainda mais admirável a operação de canonização simplificadora à qual é submetido na academia, principalmente nas leituras do que agora se chamam estudos culturais [...]” (SARLO, 1997, p. 103).



Disse Sergei Averintsev⁵, citado por Fiorin, que:

Em sua época, Chesterton⁶ dividiu a espécie humana em três grandes categorias: “as pessoas simples”, “intelectuais” e “poetas”. As “pessoas simples” são capazes de sentir, mas não de expressar seus sentimentos; os “intelectuais” são capazes de menosprezar com perfeição os sentimentos das “pessoas simples”, de ridicularizá-las e arrancar de si próprios esses sentimentos; e os “poetas”, ao contrário, foram agraciados com a capacidade de expressar aquilo que todo mundo sente, mas ninguém sabe dizer. De acordo com essa classificação, Bakhtin pertence ao grupo dos poetas (FIORIN, 2011, p. 9).

Esta é uma definição bem filosófica e poética sobre Bakhtin. Cremos também que ele foi um poeta, um pensador da linguagem humana. Sua obra é um mesclo fascinante de inovação e complexidade. A leitura de seus escritos é árdua e trabalhosa. Primeiramente, por sua maneira de escrever, a qual advém de uma tradição filosófica que vê a realidade como uma diversidade, um devir, um vir a ser, uma heterogeneidade, um inacabamento, um dialogismo. Em segundo lugar, pela elevada extensão de sua obra e também dispersão, ou seja, o fato de que alguns textos somente foram reunidos em livros após sua morte.

Bakhtin foi um ótimo escritor. Se posicionava e aparecia em primeira pessoa em seus textos – acreditava que um texto é uma conversa entre autor e leitor. Sua obra é um exemplo do que seja o ato de aprender. Ele não nos deixou uma obra didática com fórmulas prontas. Para o entendermos precisamos deveras nos jogarmos em seus textos progressivamente. Não basta jogar no *Google* os vocábulos dialogismo, polifonia, carnaval, Bakhtin etc., e ler pequenos artigos ou resumos. Lendo Bakhtin é como se estivéssemos conversando com ele.

5. Filósofo russo que viveu entre 1937 e 2004. Doutor em Ciências, atuou como professor de literatura na Universidade de Viena até sua morte. Estudou acuradamente a literatura russa, notadamente Bakhtin.

6. Gilbert Chesterton, filósofo, historiador, poeta e economista britânico que viveu entre 1874 e 1936.



Prova da notoriedade das teorias bakhtinianas no presente início de século é uma simples consulta na base de dados *Scielo* de artigos científicos, a qual congloba as revistas mais bem avaliadas no Qualis-CAPES. Desde 1981, existem mais de 470 trabalhos que citam a palavra Bakhtin. São desde artigos científicos, resenhas de livros, dissertações de mestrado a teses de doutorado. Bakhtin é tido por muitos como o pensador do século XX, mormente pelos estudiosos dos estudos culturais.

UMA BREVE BIOGRAFIA DE BAKHTIN

Diz-nos Fiorin (2011) algumas informações sobre a vida do pensador russo, as quais passaremos a narrar de agora em diante. Mikhail Mikhailovitch Bakhtin nasceu em 16 de novembro de 1895 na cidade de Orel – uma pequena vila ao sul de Moscou, a capital da Rússia. Era integrante de uma família de aristocratas empobrecidos – seu pai era um singelo funcionário de banco.

Aos nove anos de idade ele mudou com a família de Orel para Vilna, capital da Lituânia, um país vizinho à Rússia e à Polônia. Nesta cidade, Bakhtin e sua família conviveram com variadas línguas - polonês, lituano, iídiche etc. -, diversos grupos/classes sociais e étnicos. Esse convívio desde cedo com uma poliglossia (variedade de línguas) marcou a obra de Bakhtin, o qual nos insta a valorizarmos o Outro, os diálogos da vida e sua inescapável e ineliminável sociabilidade (FIORIN, 2011).

No completamento de seus quinze anos de idade Bakhtin e família se mudam novamente, desta vez para Odessa, uma cidade judaica da Ucrânia, onde também havia elevado plurilinguismo. Neste local inicia seus estudos universitários. Após um ano, no entanto, muda-se novamente para São Petersburgo, a segunda



maior cidade da Rússia, e matricula-se no Departamento de Letras Clássicas da Universidade de São Petersburgo, onde se graduou em História e Filologia (FIORIN, 2011).

Igualmente à maioria de seus contemporâneos intelectuais, apoiou a Revolução Russa de 1917. Entre 1918 e 1920, por volta dos 23 anos de idade, atuou como professor de História e Filologia na cidade de Nevel, na Rússia. Lá implementou um círculo de amigos para encontros de estudos, o qual mais tarde ampliou-se e convolou-se no famoso Círculo de Bakhtin ou Círculo Bakhtiniano – chamado assim somente depois de sua morte (FIORIN, 2011).

Entre 1920 e 1924 morou na cidade de Vitebsk, onde continuou a ministrar aulas, bem como a organizar as reuniões de seu círculo de amigos. Integraram este grupo de estudos, entre outros, o filósofo e crítico literário russo Matvei Kagan (1889-1937), o linguista e crítico literário russo Valentin Voloshinov (1895-1936) e o também filósofo russo Pavel Medvedev (1892-1938). Uma coisa se afigura aqui como importante caro leitor: os amigos mais próximos de Bakhtin morreram bem jovens. Foram assassinados por seus posicionamentos políticos e sociais (FIORIN, 2011).

Em 1921 Bakhtin se casou com a russa Alesandrovna Okolóvitch, que foi sua esposa até morrer, em 1971 (Bakhtin faleceu depois, em 1975). Naquele mesmo ano, 1921, Bakhtin adoeceu, adquirindo uma patologia óssea chamada osteomielite crônica, o que o levou a amputar uma perna em 1938. Nesta cidade de Vitebsk publicou seu primeiro ensaio nominado “Arte e responsabilidade”, no qual explorou as relações entre as formas artísticas e a vida social/prática do ser humano. Por motivos de fraqueza com relação à saúde, em 1924 Bakhtin mudou-se novamente, desta vez para Leningrado (onde hoje é São Petersburgo). Nesta cidade vivia sem emprego, contava com a ajuda de amigos e de um singelo auxílio-doença. Embora repleto de privações materiais, nunca deixou de escrever (FIORIN, 2011).



Entre 1924 e 1929 publicou quatro trabalhos importantes: “O método formal nos estudos literários”, “Discurso na vida e discurso na arte”, “Freudismo: uma crítica marxista” e, segundo alguns autores, “Marxismo e Filosofia da Linguagem”. Nesta cidade de Leningrado ele não era alguém reconhecido pela sociedade nem integrava círculos oficiais de estudos. Em 1929, foi preso e condenado a cinco anos de trabalhos forçados em um campo de concentração na cidade de Solóvki. As razões para esta condenação não são conhecidas em profundez. Alguns pesquisadores aduzem que ela se deveu a desentendimentos entre Bakhtin e a Igreja Ortodoxa (FIORIN, 2011).

Dada a situação debilitada de sua saúde, a pena de trabalhos forçados foi convertida em um exílio na cidade de Kustanai, no limítrofe entre o Cazaquistão e a Sibéria. Neste local trabalhou em várias coisas para se manter. Foi guarda-livros, professor de contabilidade para empregados de fazendas coletivas, redator de enciclopédias – fazia verbetes etc. Apesar disso, continuava a trabalhar em seus ensaios sobre sua teoria do romance. Em 1936, mudou-se mais uma vez, agora para Saransk e, um ano depois, para Savelovo, local em que viveu como professor de alemão até o final da Segunda Guerra Mundial.

Em 1940 apresentou no Instituto Gorki (um instituto superior de literatura localizado na cidade de Moscou) sua tese de doutoramento, nomeada “Rabelais e a cultura popular”, que mais tarde serviu de base para sua célebre obra “A Cultura Popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”. Porém, devido à guerra neste ano apenas apresentou (entregou) a tese e não conseguiu defendê-la para uma banca, o que fez em 1946.

Este trabalho – sua tese, gerou muitas polêmicas. A banca que o avaliou não conseguia ter uma opinião formada sobre sua aprovação. Foi, então, criado um comitê para decidir sobre a concessão ou não do título de doutor a Bakhtin, comitê este que em



1952, 6 anos após a defesa da tese, negou-lhe o título de doutor. Bakhtin não se quedou desmotivado. Prosseguiu escrevendo. Em 1965 publicou esta obra (a tese), a qual deu-lhe renome mundial e até hoje é lida em todas as partes do mundo.

Em 1945 retornou para a cidade de Saransk e passou a ensinar literatura no Departamento de Estudos Literários do Instituto Pedagógico de Saransk, departamento este do qual passou a ser também chefe geral logo em seguida. Em 1957 foi promovido para a Universidade Estatal da Mordóvia, lá trabalhando até 1961 quando se aposentou. Em 1969, doente de várias coisas, mudou-se para Moscou para buscar tratamento, lá falecendo em 1975.

Como podemos observar de todo o narrado, caro leitor:

[...] Bakhtin teve uma vida absolutamente comum, uma carreira apagada. Ele nunca teve apego a cargos e posições, nunca teve interesse pela fama e pelo prestígio. Sua trajetória foi marcada pelo ostracismo, pelo exílio e pela marginalidade dos círculos acadêmicos mais prestigiados. Teve, no entanto, ao longo de sua vida, uma intensa reflexão e escrita, que fez dele um dos grandes pensadores do século XX (FIORIN, 2011, p. 11).

De fato, Bakhtin era humilde em sua vida e não se importava com coisas materiais - aparentemente. Por exemplo, há uma coisa sobre ele que muitos estudiosos esquecem de abordar, o que seja: sua relação com a religião. Leite (2011), citando trechos da biografia de Bakhtin escrita pelos americanos Caterina Clark e Michael Holquist, em 1984, diz que Bakhtin em seus estudos fora muito influenciado pela teologia especulativa do filósofo e teólogo dinamarquês Soren Kierkegaard, que viveu entre 1813 e 1855.

Diz este pesquisador que Bakhtin possuía muita religiosidade, fato que:

[...] o levava a ser chamado por seus companheiros de "homem da igreja". A pesar de saber que sua teologia não era de seminário, mas sim da sofisticada *intelligentsia* [...]. A referida *intelligentsia* era um sentimento que pairava sobre os intelectuais russos contemporâneos



ao círculo de Bakhtin, que se baseava em relacionar a teologia com diferentes disciplinas, sobretudo, as ciências exatas, ideia que tinha suas raízes no idealismo alemão, relacionado principalmente com Fichte e Schelling, o que prova que os movimentos nos quais Bakhtin estava envolvido não somente não viam oposição entre religião e ciência, ou religião e revolução, como pelo contrário, tinham a religião em altíssima estima [...] (LEITE, 2011, p. 43).

Após esse resumo da vida de Bakhtin, na seção seguinte verificamos uma síntese de seu pensamento.

O PENSAMENTO DE BAKHTIN

Passamos agora a tecer breves comentários sobre a obra de Bakhtin. O filósofo russo combinou o freudismo, o darwinismo, o estruturalismo de seus predecessores linguistas, a física relativista de Einstein e outras coisas para formular suas teorias sobre a linguagem. Tal comportamento nos revela que sua obra é complexa na medida em que em seu desenvolver apoderou-se de outros relevantes conhecimentos das mais diversas áreas da humanidade.

Basicamente, para Bakhtin (2006), as duas principais correntes de estudos da linguagem de suas épocas possuíam falhas. O objetivismo abstrato ou positivista, pregado por Saussure e Leibniz, na visão dele, reduzia a linguagem a um código neoclássico e racional de comunicação, no qual a língua seria estável e imutável, as ligações linguísticas nada teriam a ver com ideologias e os atos e as falas da língua seriam refrações fortuitas que nada teriam a ver com a história.

Noutro sentido, o subjetivismo idealista, fomentado por Humboldt e Vossler, na visão de Bakhtin, enxergava a língua como uma simples expressão romântica do pensamento, sendo a fala individual (os monólogos) o núcleo da realidade linguística e a linguagem uma construção ininterrupta no tempo.



Bakhtin discordava dessas duas correntes, porquanto, para ele, ambas as formas de pensar negavam o caráter dialógico e sociológico da linguagem. Afinal, para o filósofo russo, a língua(gem) não é um sistema fechado e isolado, mas o produto da interação entre o homem e seu ambiente social.

Assim, insta dizer que:

Para esse autor [Bakhtin], a língua não é um sistema abstrato, imutável e homogêneo. Segundo ele, a língua é resultado do processo de interação verbal entre os indivíduos; tal processo é suscitado quando o sujeito passa a ter voz, ou seja, passa a agir de modo que venha a provocar mudanças no lugar onde vive, em sua sociedade, mantendo, dessa forma, uma estreita relação com o mundo e com os indivíduos que estão à sua volta (PAES, 2009, p. 19-20).

Em grosso vernáculo, para entendermos as ideias de Bakhtin, cumpre sabermos que o autor acredita que a palavra dita é o signo ideológico primordial de um sistema linguístico, pois esta é a ponte entre o mim/eu e o outro. Para o filósofo é como se a língua – e por conseguinte a linguagem, fosse(m) em si mesma(s) a expressão das relações e lutas sociais, que, como quis Marx, nada mais são do que lutas de classes.

Nessa trilha de exposição, para Bakhtin as classes dominantes utilizam a linguagem para reforçar seu poder – afinal até hoje perdura a máxima de que quem domina a língua estrangeira tem poder. Além disso, para ele todo signo é ideológico, porquanto a ideologia é um reflexo das estruturas sociais. Portanto, sendo a enunciação um plexo de signos, chegamos à ideia central Bakhtiniana: toda enunciação é ideológica.

Essa relação entre a ideologia e a enunciação é estudada acuradamente por Bakhtin por entender o filósofo que toda manifestação verbal tem uma refração ideológica. Isso, pois para o autor nenhum signo cultural quando é compreendido e dotado de sentido permanece isolado de seu contexto histórico-cultural.



Então, nesse tonário, nos cabe uma indagação: os signos produzem a ideologia ou o contrário? Para Bakhtin a segunda inferência é a correta. As estruturas sociais é que fazem nascer os signos, os quais exurgem como instrumentos da ideologia, acordos usados para reproduzir tal ideologia e forjar novas. Para o filósofo russo, a língua, além de ser determinada pela ideologia, também veicula os instrumentos das lutas sociais e serve de material para tais conflitos.

De tais asserções nos cabe pensar, então, que, como a ideologia é um reflexo das estruturas sociais e estas ocorrem em ambientes coletivos, nos quais pessoas integrantes de diferentes classes disputam territórios e recursos, apenas em terrenos interindividuais de relações dialéticas é que haverá a presença de signos. Afinal, como disse o próprio Bakhtin “a consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (BAKHTIN, 2006, p. 23).

Percebe-se, ainda, a partir das ideias em testilha, que todo signo, por ser instrumento de uma coletividade ideológica, é social. Então, como as classes dominantes apenas dizem o que querem – o que melhor lhes convém, nos cabe pensar que:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo (BAKHTIN, 2006, p. 32).

Nessa contextualização, Bakhtin expõe seu método de interpretação e análise de signos ideológicos, portanto discursos. Para o filósofo, a compreensão do processo de refração e influência mútua entre o ser e o signo deve se amoldar às seguintes regras: manter sempre unidos a ideologia da realidade social e o signo; manter o signo associado constantemente às formas concretas



da comunicação social; e nunca dissociar a comunicação e suas formas ou gêneros de suas bases existenciais materiais (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014).

De todas essas regras que Bakhtin nos propõe o que transborda como claro é a ideia de que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sociocultural” (BAKHTIN, 2006, p. 31). Portanto, a nós, ao avaliarmos qualquer enunciado, a fim de saber suas razões de ser, cabe extirpamos de nossas mentes a explicação de causalidade mecanicista dos fenômenos ideológicos, pois nada é imotivado e tudo sempre é dito dentro de um contexto.

A QUESTÃO DA AUTORIA DE ALGUNS TEXTOS BAKHTINIANOS

Existe, no meio acadêmico, uma série de dúvidas e contradições sobre a autoria de alguns textos de Bakhtin. Alguns estudiosos dizem que ele assinava textos de seus amigos Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev, os quais eram mais perseguidos politicamente por seus dizeres do que ele. Outros autores são mais cruéis e obtemperam que Bakhtin roubou textos de seus amigos depois que eles morreram. Há, ainda, autores que dizem que Bakhtin era um plagiador. Bem, o fato é que Bakhtin morreu pobre e doente, se furtou textos não foi para ganhar dinheiro.

No plasma dos complexos dilemas sobre a autoria de vários textos de Bakhtin, a autoria deste artigo crê que Bakhtin era o líder o Círculo de Bakhtin e, por isso, defende que todos os textos lá erigidos têm no mínimo alguma influência de seu pensamento. Dessa maneira, reputam-se como desnecessárias/desrespeitosas obras como o compêndio “Bakhtin desmascarado: a história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo”, de Jean-Paul



Bronckart e Cristian Bota (2012), na qual Bakhtin é hostilizadamente tido como um furtador de textos de alunos e colaboradores seus.

Bakhtin é um grande filósofo da linguagem do século XX e, por certo, no âmbito dos escritos tidos como de membros do Círculo de Bakhtin, os textos que não escreveu ajudou a pensar e formular as ideias expostas. Ele estava lá, leu, ouviu, participou! Bakhtin era quem organizava as reuniões do grupo de estudos chamado posteriormente de Círculo de Bakhtin. Muitas coisas, por certo, ainda acontecerão em relação a essa questão da autoria.

Em 2017, a Editora 34 publicou versão da obra mais clássica de Bakhtin, “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, como sendo de autoria exclusiva do amigo de Bakhtin, Valentin Voloshinov, até então tido como coautor da obra, nas edições anteriores, de outras editoras. Segundo as tradutoras da obra, foi achado o plano de trabalho de Voloshinov, no qual ele fez os rascunhos da obra em 1927-28.

A obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” é filha do Círculo de Bakhtin, mas foi pensada e engendrada unipessoalmente por um de seus membros: Voloshinov. Com esta constatação, Mikhail Bakhtin não perde seu já existente brilho nem tampouco deve alcançar vale de ostracismo acadêmico. A essência da filosofia de Bakhtin se concentram também em outras de suas obras, como no burilado texto “Por uma Filosofia do Ato Responsável”.

A edição de 2017 “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, de tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, apenas traz um teor de justiça à cena do Círculo de Bakhtin reconhecendo o verdadeiro autor de uma de suas principais obras. Por certo, agora a subsunção entre a obra e a verdadeira identificação de seu ator pode levar às ciências da linguagem e a filosofia a valorizarem mais Voloshinov e seus pensamentos.



Aconteça o que acontecer, Bakhtin deixou seu legado, mesmo que contraditório. Se ele não é o autor de “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, é autor de tantos outros textos provenientes do Círculo de Bakhtin. Nesta recente edição da Editora 34, inclusive, abaixo do nome Valentin Voloshinov aparece a expressão “Círculo de Bakhtin”, na capa do livro. Portanto, Bakhtin jamais será esquecido!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bakhtin e seus amigos do seu famoso círculo de estudo – o Círculo de Bakhtin - afirmaram uma premissa inarredavelmente verdadeira: a linguagem e o pensamento, forjadores do homem, são por necessidade intersubjetivos. Como pudemos ver nesse singelo e pequeno texto, Bakhtin forjou uma nova forma de enxergar a filosofia da linguagem. Disse ele que o pensamento deve se voltar para o sujeito, para o interlocutor, para o diálogo. Bakhtin (2012) disse que somente sou eu, e me reconheço como tal, porque olho para o outro e não me vejo nele. Ou seja, olho para o outro e, percebendo que ele não é eu, então entendo que sou eu.

Eu, logo, preciso do outro para ser quem sou. Se eu não tivesse ninguém a quem me comparar eu não saberia quem sou e/ou o que sou. A palavra deixada por Bakhtin é “diálogo”. Em Bakhtin, entendemos que todos podemos falar, todos somos únicos, irrepetíveis, pensamos de mono particular, portanto, merecemos ser ouvidos, temos valor.

Das leituras de Bakhtin percebemos que o filósofo russo se afervorou em lançar as bases de uma possível nova linguística, que chamou de “translinguística”, cujo objetivo é um desfoque do enunciado e um enfoque na enunciação, isto é, na interação verbal. Bakhtin criticou a linguística estrutural e a poética formalística,



porquanto para ele estas reduzem a linguagem a um código e esquecem que o discurso, acima de qualquer coisa, é um resultado social da interação entre as pessoas.

Logo, a mensagem fulcral de Bakhtin é que a vida é um coletivo, um conjunto de várias pessoas únicas, as quais interagem por meio da linguagem. A partir disso, surge a ideia social de alteridade. Devemos interagirmos mais com nossos outros, com nossos interlocutores. Permitimo-nos sermos alterados/modificados por eles, pois os modificamos também, a todo o momento.

As ideias de Bakhtin ultrapassam o *lôcus* da filosofia da linguagem e da literatura e ingressam na noção mínima de respeito. No mundo tão problemático, autoritário e arrogante em que vivemos atualmente, a teoria bakhtiniana exsurge como uma luz, uma estrela capaz de clarificar nosso caminho rumo a melhores entendimentos sobre a vida e sua real razão de ser.

Oxalá que os pensamentos de Bakhtin nunca morram e que surjam novos estudos para desvendar/aperfeiçoar suas teorias.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. 2. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2012.
- _____. (VOLÓSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- FARIA E SILVA, Adriana Pucci Penteado de. *Bakhtin*. In: OLIVEIRA, Luciano Amara (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.



FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. Versão ePUB 2.0. São Paulo: Ática, 2011.

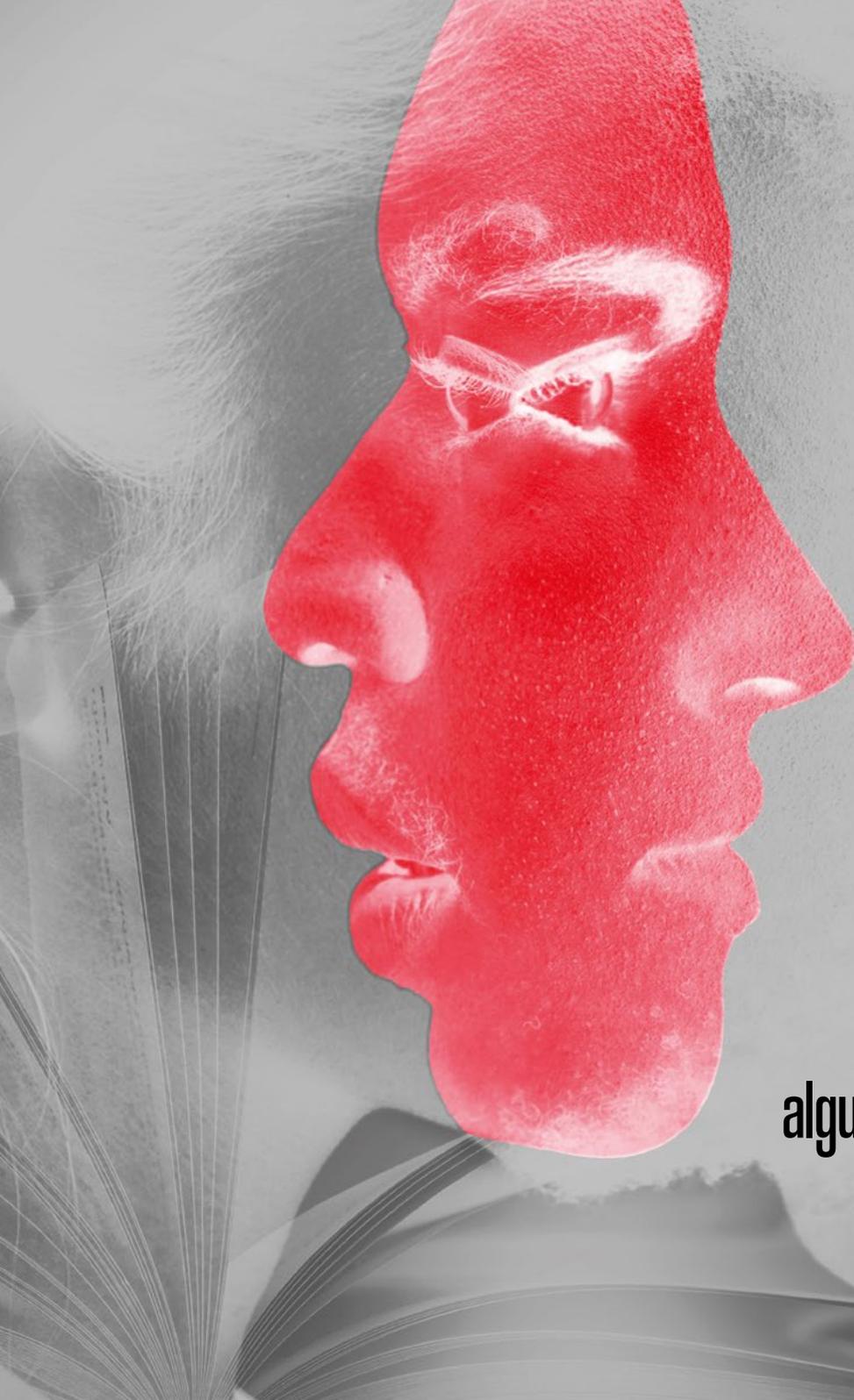
LEITE, Francisco Benedito. *Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos*. Revista Magistro/Unigranrio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2011.

Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1240/741>>. Acesso em: 11 maio 2019.

PAES, Kelce Nayra Guedes Menezes. *O processo de autoria em textos escritos por alunos do curso de Direito*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade). Rio Branco: Universidade Federal do Acre – UFAC, 2009. Disponível em: <<http://posletrasufac.com/banco-de-dissertacoes/>>. Acesso em: 11 maio 2019.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Tradução de Rúbia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: EDUSP, 1997.





2

Tayson Ribeiro Teles

MIKHAIL BAKHTIN: alguns conceitos precípuos



Resumo: Neste texto, discorreremos sobre alguns conceitos-chave do filósofo, historiador e filólogo russo do século XX Mikhail Bakhtin. Bakhtin falou sobre muitos assuntos e no texto tratamos de 5 (cinco) de seus precípuos temas: Enunciação Concreta (ou Enunciado Concreto), Ideologia, Dialogismo, Polifonia e Gêneros do Discurso. Em síntese, para Bakhtin, a vida é um plexo de várias relações, em vários tempos e ocorridas entre diversos e adversos sujeitos, todos pensantes. Por isso, importa que respeitemos e valorizemos todas as pessoas. Todas. É tarefa difícil dadas as falsidades, hipocrisias e malvadezas de alguns seres, mas precisamos tentar, todos os dias

Palavras-chaves: Mikhail Bakhtin. Enunciação Concreta (ou Enunciado Concreto). Ideologia. Dialogismo e Polifonia. Gêneros do Discurso.

ENUNCIÇÃO¹ (CONCRETA) E IDEOLOGIA EM BAKHTIN

A relação entre a ideologia e a enunciação é estudada acuradamente por Bakhtin, pois entende o filósofo que toda manifestação verbal tem uma refração ideológica, um liame ineliminável com o social, a vida material. Isso, visto que para o autor nenhum signo cultural quando é compreendido e dotado de sentido permanece isolado de seu contexto histórico-cultural (BAKHTIN, 2014).

Então, nesse tonário, nos cabe uma indagação: os signos produzem a ideologia ou o contrário? Para Bakhtin a segunda inferência é a correta. As estruturas sociais é que fazem nascer os signos², construtos tais que exsurgem como instrumentos da ideologia, acordos usados para reproduzir tal ideologia e forjar novas. Além disso, para o filósofo, a língua, além de ser determinada pela ideologia, também veicula os instrumentos das lutas sociais e serve de material para tais conflitos (BAKHTIN, 2014). É como se a língua(gem) fosse o resultado da batalha, o campo de batalha – onde ela ocorre, e a própria batalha em si (entre as classes).

Com tais asserções, nos cabe pensar, então, que como a ideologia é um reflexo das estruturas sociais e estas ocorrem em ambientes coletivos, nos quais pessoas integrantes de diferentes classes disputam territórios e recursos, apenas em terrenos interindividuais de relações dialéticas é que haverá a presença de signos. Afinal, como estampou Bakhtin, “a consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica [a vida], mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (BAKHTIN, 2006, p. 23).

1. Para Bakhtin, tanto em “Estética da Criação verbal”, como em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, enunciado (concreto) e enunciação são sinônimos. Ele emprega o termo russo *viskázivanie*, que significa “ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos etc. em palavras” (BAKHTIN, 2011, p. 261).

2. Em Bakhtin, “todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais” (YAGUELLO, 2014, p. 15).



Percebe-se, ainda, a partir das ideias em testilha, que todo signo, por ser instrumento (e produto) de uma coletividade ideológica, será, portanto, social (coletivo) e dependente do contexto de sua produção para ser exatamente como é.

Por certo:

Todo signo [...] resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo (BAKHTIN, 2006, p. 32).

Nesse contexto, Bakhtin expõe seu método de interpretação e análise de signos ideológicos. Para o filósofo, a compreensão do processo de refração e influência mútua entre o ser e o signo deve se amoldar às seguintes regras: manter sempre unidos a ideologia da realidade social e o signo; manter o signo associado constantemente às formas concretas da comunicação social; e nunca dissociar a comunicação e suas formas ou gêneros de suas bases existenciais materiais (BAKHTIN, 2014).

De todas essas regras que Bakhtin nos propõe o que deflui como claro e mais relevante é a ideia de que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica” (BAKHTIN, 2006, p. 31), repertório tal determinado exatamente pelos contextos sociais subsistentes em cada período histórico. Portanto, a nós, ao avaliarmos qualquer enunciado a fim de saber suas razões de ser ou qualificá-lo, cabe extirpá-los de nossas mentes explicações de causalidade mecanicista dos fenômenos ideológicos, porquanto nada é imotivado e tudo sempre é dito dentro de um contexto, por um motivo e com um objetivo.

Os signos nada dizem, sendo preciso ver seus contextos de produção, as lutas ideológicas que os versam. Perceber, valorizar



e analisar o contexto: isso é ser bakhtiniano. Ser bakhtiniano é, como sugeriu Bakhtin (2012), agir com “responsabilidade”³, tanto no sentido de ser responsável em interpretações e atos humanos como um todo, mas também de agir sempre respondendo ao outro, conversando, dialogando, pois é o Outro quem nos determina e é ele quem integra nossa história, conosco.

Ademais, acresce que “Ser bakhtiniano [...] é estar atento [...]; é enfrentar uma teoria [...]; é promover aquela “caça ao tesouro” da construção do sentido fora e dentro do aspecto verbal de um enunciado. Ser bakhtiniano [...] é conversar com o enunciado concreto, e não analisá-lo como um objeto inanimado. Porque ele fala [...]” (FARIA E SILVA, 2013, p. 69).

Ser bakhtiniano é buscar os significados do signo, não necessariamente encontrá-los, mas buscá-los. Dizemos “significados” no plural, porque os signos são sempre plurais (polivalentes, dialógicos) e isso é bom, pois, em verdade, o que faz de um signo vivo e dinâmico é a sua pluralidade (BAKHTIN, 2014).

Ocorre, porém, que o mesmo conjunto de elementos que torna um signo vivo “[...] faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo [...] um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim [...] de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente” (BAKHTIN, 2014, p. 48).

Nesse rumo, com efeito, para Bakhtin, a ideologia (dos poderosos), externa a nós, às nossas mentes (nosso psiquismo), é tão forte que qualquer coisa que venhamos a fazer/produzir, na maioria

3. Este vocábulo é uma tradução neológica do russo *otvetstvennost*, usado por vários comentaristas de Bakhtin, como Adail Sobral, o qual sobre este aduz: “Trata-se de um neologismo que une responsabilidade, o responder pelos próprios atos, a responsividade, o responder a alguém ou a alguma coisa. [...]. um responder responsável que envolve necessariamente um compromisso ético do agente” (SOBRAL, 2014, p. 20).



das vezes, tende para algo já existente, algo determinado ou determinável; será enquadrado, classificado de algum modo. Disse ele: “o psiquismo se oblitera, se destrói para se tornar ideologia e vice-versa” (BAKHTIN, 2014, p. 66).

O filósofo afirmou que a percepção de que os signos são manipulados pelas classes dominantes é possível quando lembramos que toda forma gramatical um dia foi mera forma estilística livre.

Diz ele:

A cada época só pode corresponder uma única norma linguística [...]. **Fora da norma só há lugar para a transgressão**, mas não para uma outra norma, contraditória. Se a transgressão não é percebida como tal e, por isso mesmo, não é corrigida, e se existe um terreno favorável para a generalização do erro [...], então este desvio torna-se nova norma linguística (BAKHTIN, 2014, p. 84). (Grifos nossos)

Para o autor as formas normativas e ideológicas da língua(gem) apenas contribuem para seu imobilismo. Bakhtin (2014) bem nos alerta para as ideologias a partir da língua, o que é fenomenal, pois a língua é nossa essência, um de nossos primeiros aprendizados e o elo entre nós e o mundo que nos rodeia. Para ele não há qualquer relação entre a língua estática e a vida. Peguemos a nomeação, por exemplo, dizem a maioria dos humanos que estas folhas que o leitor está compulsando são “brancas”.

Porém, o que é o branco, a cor branca? Qual a relação da palavra branca com esta folha? Nenhuma. É apenas uma regra, um nome dado, poderíamos a chamar de preta, de verde. “Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência”⁴ (BAKHTIN, 2014, p. 85). Percebendo o autor que a língua é usada arbitrariamente para nomear as coisas, constatou

4. “Se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua” (BAKHTIN, 2014, p. 93).



que, com efeito, a língua também é usada para encobrir a realidade, surgindo a ideologia.

E quanto à concretude do enunciado, em Bakhtin? Bem, temos quase todos o costume de conceber enunciado, fala e discurso como sendo sinônimos. Sobre discurso em suas várias acepções os debates são diversos⁵ e preferimos não ingressar no vale de definições desse elemento discursivo neste momento. Convém-nos aqui um enfoque na relação “fala e enunciado/enunciação”. É comum dizermos que vamos enunciar algo quando preparamo-nos para abrir a boca e engendrar frases, orações etc. Ocorre que no campo dos estudos da língua e da linguagem, enunciado e fala não são a mesma coisa.

Falar é falar, dicionar palavras, e isso é um ato individual, físico, material, fisiológico. De revés, Faraco aduz que, segundo Bakhtin, o enunciado “[...] emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição” (FARACO, 2009, p. 24). Além disso, temos que “[...] o enunciado somente surge do encontro entre eu e o outro, da comunicação, a qual jamais será neutra, estará sempre impregnada de valores e condicionada por um contexto” (CABETTE, 2014, p. 22).

“O enunciado, para o pensador russo [Bakhtin], é a unidade mínima da comunicação discursiva e um elo entre vários enunciados; por isso, preserva ressonâncias de diferentes dizeres ao mesmo tempo em que antecipa outros” (FLORES, 2009, p. 99). Além disso, “todo enunciado somente tem vida contatando com outro enunciado, outro texto. Não é, pois, um contato mecânico

5. “É retrato da situação atual da linguística, ainda, a oscilação conceitual de termos como *discurso*, *texto*, *enunciado*, *enunciação*, *sentença*, apenas para citar os mais comuns. Há tantas definições quantas teorias e, em alguns casos, há variação até mesmo entre os autores de uma mesma linha teórica. A linguística da enunciação não escapa a isso” (FLORES, 2008, p. 99).



entre elementos abstratos, mas sim um contato entre variadas vozes sociais provenientes de diferentes sujeitos do discurso [...]” (FLORES, 2009, p. 202).

Segundo Bakhtin (2006), todo enunciado é único, seja porque não se repete (nunca fazemos/falamos da mesma forma, mesmo em iguais processos), seja porque possui a unicidade de sempre ter as mesmas características (interação, responsividade, volta ao passado etc.). Isso é verdade e é tanto que Bakhtin (2006) considera os “gêneros de discurso” como tipos relativamente estáveis de enunciado. Mas, cabe perguntar: mesmo se repetindo na forma/procedimento, o enunciado também o é sempre no conteúdo?

Bem, existem falas sobre futebol, sobre economia, sobre política, as quais podem ser sobre o mesmo assunto/conteúdo, mas nunca são feitas de mesmo modo. Até a leitura de um texto em voz alta por uma pessoa se refeita mil vezes, pela mesma pessoa, jamais será igual. Para Bakhtin (2011), então, com efeito, um enunciado é concreto quando dito/realizado com base em e sobre uma realidade social/factual momentânea, mas prática, real, efetiva, onde o sujeito enunciadador age responsabilmente e interage com seu Outro. “Para Bakhtin, só pode ser real [concreto] um ato apreendido em sua inteireza, que se acha vinculado com o pensamento participativo (não indiferente)” (SOBRAL, 2014, p. 29).

Mas, enunciações concretas são concretas porque criam algo novo ou apenas porque ocorrem concretamente no presente? Decerto, “todo enunciado cria o novo, mas só o pode fazer a partir do já existente (o presente concreto), sob pena de não ser compreendido” (SOBRAL, 2014, p. 25). Ocorre que Bakhtin “refuta a ideia de decisões morais que existam independentemente do processo concreto dessa decisão e do caráter situado do sujeito” (SOBRAL, 2014, p. 23). Assim, enunciado concreto é uma ação humana nascitura de processos humanos concretos, realizados por sujeitos que pensam e se situam, buscam compreender suas realidades e nelas interferir.



DIALOGISMO E POLIFONIA EM BAKHTIN

Incursionando-nos por mais um tema bakhtiniano, falamos agora sobre o dialogismo e a polifonia. Brait (2014) assevera que a concepção dialógica de Bakhtin se funda na compreensão de que o discurso escrito e falado integra sempre uma discussão ideológico-dialógica: ele responde a algo, confirma, faz refutação, antecipa respostas e objeções em potência etc. Também podemos crer que tal dialogismo tem a ver com o passado na medida em que sempre ao erigirmos enunciados, na maioria das vezes, nos referimos ao pretérito – dialogamos com ele –, nem que seja no simples ato de usar a língua que foi feita em tal passado. Portanto, em Bakhtin, ser dialógico é relacionar-se a algo, ou seja, não se viver monologicamente⁶.

Bakhtin (2015) diz que a autoconsciência do homem é totalmente dialogada e “em todos os seus momentos está voltada para fora, dirige-se intensamente a si, a um outro, a um terceiro” (BAKHTIN, 2015, p. 292). Para o filósofo o homem é o “sujeito do apelo”, pois não se pode falar sobre ele (o homem é inexplicável), mas apenas dirigir-se a ele, dialogar com ele. O esquema básico do diálogo em Bakhtin é: “a contraposição do homem ao homem como contraposição do ‘eu’ ao ‘outro’” (BAKHTIN, 2015, p. 293).

Como alerta Fiorin (2011, p. 14), “as relações dialógicas de que ele [Bakhtin] se ocupou não são o diálogo face a face, mas relações de posições”, pois em Bakhtin não apenas a conversa falada possui diálogo, mas:

Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna de cada palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também

6. O que, aliás, pode até ser visto como impossível, pois apenas ao olharmos para nosso Outro, mesmo sem com ele falar, já parece haver uma interação anímica, que não deixa de ser verbal.

a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre enunciados (FIORIN, 2011, p. 17).

Aplicando esta percepção à luta de classes acontecida no seio social, em Bakhtin, exsurge como prudente ao invés de concebermos classes ativas que dominam/oprimem maiorias passivas sem a reação destas, pensarmos em “relações entre classes”, diálogos, interações reais em que os sujeitos, todos, pensam, agem, planejam e aqui e acolá trocam de posição.

Por fim, cumpre realçarmos que, para Bakhtin:

[...] o diálogo não aponta apenas para o acordo, a consonância, mas também para as multissonâncias e dissonâncias. Essa diversidade é muito mais relevante do que qualquer consenso e dela pode resultar tanto convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa. [...]. Aquilo que no Círculo de Bakhtin é chamado de [...] um vasto espaço de luta entre as vozes sociais num tipo de “guerra de discursos” (CABETTE, 2014, p. 41).

Quanto à polifonia, Bakhtin produziu estudos sobre este tema ao analisar profusamente as obras literárias de Dostoiévski, chegando a escrever um estudo inteiro sobre os pensamentos deste autor: “Problemas da poética de Dostoiévski”. Como conta Faraco (2014), Bakhtin se encantou com as obras de Dostoiévski porque nelas o herói é um herói diferente dos demais tipos de heróis que já tinham sido criados até o século XIX.

Diz Faraco (2014) que Dostoiévski criou um herói relativamente autônomo do autor, o criador do texto, do romance, da história. Na obra de Dostoiévski, “o autor-criador [...] reserva para si mesmo apenas o mínimo indispensável do excedente que é necessário à condução da narrativa, deslocando todo o demais para o campo de visão e conhecimento do próprio herói” (FARACO, 2014, p. 47).



Assevera este comentador bakhtiniano:

O herói em Dostoiévski não é um ser totalmente determinado (visto e conhecido de fora), mas um ser relativamente livre e autônomo que, como tal, vê seu mundo, tem consciência desse mundo e, principalmente, tem consciência de si mesmo nesse mundo, ou seja, tem um certo excedente de visão que lhe vem pela interação tensa com o olhar dos outros sobre ele⁷ (FARACO, 2014, p. 47).

Esse tipo de herói é de fato o que leva Bakhtin a mergulhar nas obras de Dostoiévski. Como pregava o filósofo russo que toda pessoa é pensante, única e irrepetível, tal conceito dostoiévskiano de herói souo a Bakhtin como uma espécie de “tipo ideal”, ou seja, conforme percebemos da definição de Faraco, o herói de Dostoiévski é um homem que obedece às leis, que cumpre regras e determinações sociais, mas é também um homem que tem consciência de si, que pensa, que sabe onde está, o que quer, aonde quer ir. Sabe que é dominado e (re)luta!

Bakhtin (2015) crê ser esse tipo de herói forjado por Dostoiévski o resultado de uma mudança no caráter estético do herói. Diz que o herói de Dostoiévski tem palavra própria. Para ele, Dostoiévski “não cria escravos mudos [...], mas pessoas livres, capazes de colocar-se lado a lado com seu criador, de discordar dele e até rebelar-se contra ele” (BAKHTIN, 2015, p. 4). Para o filósofo, as obras de Dostoiévski são eivadas de polifonia, ou seja, uma espécie de multiplicidade de vozes que ele chama de “plenivalentes”. Vozes do autor, das várias personagens e do herói, pois nas narrativas sempre todos agem, pensam e falam.

Vozes plenas, porque reais, firmes, de pessoas reais, personagens da vida comum e valentes, pois com força, dimanadoras de ideias aceitáveis, aplicáveis. Assevera Bakhtin (2015) que em Dostoiévski o herói não é objeto, mas sujeito. Esclarece o filósofo que

7. O que Bakhtin chama de exotopia.



em Dostoievski “suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante” (BAKHTIN, 2015, p. 5).

Nessa direção, inspirado em Dostoievski, Bakhtin nos insta a crermos em nosso valor, em nossa capacidade de participar do complexo ideológico do sistema que nos é imposto, da vida e suas relações várias, o que, diz ele, devemos fazer sempre acoplados a escolhas responsáveis e concretas, portanto, éticas.

Carreia o filósofo:

A posição da qual se narra e se constrói a representação ou se comunica algo deve ser orientada em termos novos em face desse mundo novo, desse mundo de sujeitos investidos de plenos direitos, e não de um mundo de objetos. Os discursos narrativo, representativo e comunicativo devem elaborar uma atitude nova em face de seu objeto (BAKHTIN, 2015, p. 6).

Como esclarece Faraco (2014), Bakhtin crê que em Dostoievski é possível que autor-criador e herói se misturem, conversem entre si, que dialoguem. Assim, em geral, “o conflito das vozes interiores (dos autores) acompanha o conflito das vozes exteriores (dos heróis, das personagens, do público, do povo)” (FARACO, 2014, p. 53), nascendo um campo discursivo polifônico.

Tal percepção de Bakhtin relativa a ser possível uma relação entre autor e herói, diz Faraco (2014), foi “inovadora”, pois antes de seus pensamentos vigorava na literatura o axioma de que os planos do autor e do herói jamais se encontravam, sendo este apenas uma marionete daquele. “A essa inovação na relação autor/herói, Bakhtin deu experimentalmente o [...] nome de polifonia” (FARACO, 2014, p. 48).

Por final, importa saber que Bakhtin, no âmago de seus dialogismo e polifonia, inspirado em Dostoievski, recusa:



Tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito fonte de sentido submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido como um sujeito assujeitado. A proposta [bakhtiniana] é a de conceber um sujeito que, sendo um eu-para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu-para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido (SOBRAL, 2014, p. 22).

Ou seja, no seio da comunicação, Bakhtin rechaça a possibilidade de expressões/enunciações unilaterais. Só existimos por haver um outro, que nos determina, nos ensina a língua(gem). “Resumidamente, podemos afirmar que, em Bakhtin, o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso. [...]. A palavra é sempre também palavra do outro” (FLORES, 2008, p. 59).

GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN

Perlustrando mais um tema bakhtiniano, e o último dos que escolhemos aqui abordar, falamos agora sobre os “gêneros do discurso” bakhtinianos. Bakhtin (2011) consubstancia que os gêneros do discurso são tipos de enunciados relativamente estáveis, os quais são integrados por três elementos, quais sejam: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Estes elementos, para o autor, fundem-se indissolavelmente na formação dos enunciados. O conteúdo é o próprio enunciado em si, o estilo é o modo de fazê-lo e a construção composicional é o plexo de relações sociais diversas sobre as quais tal enunciado é realizado.

Os gêneros seriam padrões discursais estáveis, relativamente, pois não são possuidores de fixidez totalizante. Bakhtin (2011) cita exemplos de gêneros: ditado, romance, ordem militar, carta etc. O autor diz que o enunciado é individual, mas nem todos os gêneros são aptos a refletirem a individualidade por meio da



linguagem do enunciado, afinal na maioria dos gêneros do discurso o estilo individual não entra na composição do enunciado, pois este é marcado e determinado pelo social (ideologia dominante).

Bakhtin (2011) não erigiu tipologias detalhadas de gêneros discursivos, apenas disse que existem, basicamente, dois tipos de gêneros, quais sejam: os primários, que integram a comunicação discursiva imediata, ideológica, cotidiana e não formalizada e os gêneros secundários, que integram a comunicação cultural complexa, formal e rodeiam as interações sociais⁸. Para o autor, os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da língua(gem).

Bakhtin assevera que nem todo enunciado é um discurso, mas um discurso sempre se molda à forma do enunciado do falante. Nesse prisma, assevera que tudo tem um fim (no sentido de conclusão e de finalidade). Por exemplo, o locutor apenas termina seu enunciado, pois passa a palavra ao outro. Tais fins, para Bakhtin, são as “fronteiras do enunciado” (BAKHTIN, 2011).

Disse o filósofo que a oração seria a unidade da língua e enunciado a unidade da comunicação verbal real, bem como, para ele, é plenamente possível que gêneros secundários tenham elementos primários, por exemplo: escritos científicos (secundários) em que seus autores usam linguagem simples para simular uma comunicação com o leitor (gênero primário)⁹.

8. “Os primários aludem a situações comunicativas cotidianas, espontâneas, não elaboradas, informais, que sugerem uma comunicação imediata. São exemplos de gêneros primários a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano. Os gêneros secundários, normalmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como no teatro, romance, tese científica, palestra, etc. Vale ressaltar que a essência dos gêneros é a mesma, ou seja, ambos são compostos por fenômenos de mesma natureza, os enunciados verbais. O que os diferencia, entretanto, é o nível de complexidade em que se apresentam” (SIGNOR, 2009, p. 4).

9. Porém, o autor deixa claro que textos escritos são bem diferentes dos dialogismos reais. Por exemplo, a pausa entre enunciados, diz ele, é um fator real e não um fator gramatical, porquanto o que sucede uma pausa é uma atitude responsiva do interlocutor (BAKHTIN, 2011).



Bakhtin (2011) esclarece que as pessoas não trocam orações ou palavras, trocam enunciados. A oração – frase com verbo, segundo ele, não tem capacidade de determinar uma resposta. Entretanto, nada impede que um enunciado seja constituído de uma única oração. O autor diz que os gêneros literários predeterminam a atitude discursiva do leitor, influenciando-o didaticamente. Ora, isso é mesmo verdade, senão vejamos: um cozinheiro que compra um livro de culinária terá certas pré-compreensões acerca da temática do livro.

O russo expende ser comum confundirmos oração com enunciado, porém, a oração, ao revés do enunciado, não pede nem necessita de resposta. Além do que, é necessário, sempre, certo “acabamento” para tornar possível uma resposta ao enunciado. E na réplica, é o locutor que determina o todo do enunciado, sua plenitude, suas fronteiras, mas o faz completamente influenciado pelo interlocutor, pelo (contexto) social.

O autor afirma que sempre uma fala se molda à certa forma de gênero, bem como a diversidade de gêneros é provocada pela variedade de circunstâncias sociais. Para Bakhtin, a (o)posição social, as relações familiares, tudo influencia na escolha de um gênero discursivo. Nesse caminhar, o perigo é que na inexperiência de dominar o repertório dos gêneros da conversa social, a escolha do gênero finde por expressar apenas a individualidade do locutor (BAKHTIN, 2011), momento em que ele não valorizará seu social, seu Outro.

Para Bakhtin o enunciado é uma oração com plenitude de sentido, capaz de obter uma atitude responsiva do interlocutor do discurso. O autor afirma que o enunciado é o elo da cadeia da comunicação verbal, bem como a existência de um enunciado inteiramente neutro é impossível – pela existência da ideologia.

Bakhtin (2011) propala que a ento(n)ação expressiva pertence ao enunciado e não à palavra e dá um exemplo dizendo que a enun-



ciação “ele morreu” pode, a depender do contexto, ter um significado positivo (“ele morreu de felicidade”, por exemplo). O autor deixa claro que as palavras de uma língua não são de alguém específico – não têm dono. Porém, só as ouvimos, pois são externadas na forma de enunciados individuais; só as lemos em obras de pessoas humanas (individuais). Contudo, tal individualidade só é possível porque os sujeitos para determinarem suas identidades se constroem nas interações que efetivam com o seu Outro. Assim, para Bakhtin, a comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade, mas também pelo Outro, pelo social e pelo contexto¹⁰.

O filósofo frisa que as falas, ou seja, os enunciados falados, são repletos de palavras alheias, pois a alteridade influencia na assimilação. Desse modo, ao falar-se, de certa maneira, reestruturam-se e modificam-se as palavras dos outros¹¹. Nesse caminhar, para Bakhtin, o objeto do discurso de um locutor, seja ele quem for, não é objeto do discurso pela primeira vez nesse enunciado e esse locutor não é o primeiro a falar nele. O autor diz que nenhum locutor é um “Adão bíblico” (BAKHTIN, 2011). É uma ideia cruel, mas verdadeira e que lembra o preceito Lavoisierano de que “nada se cria, tudo se transforma”.

Bakhtin obtempera que na escolha do gênero – da categoria discursiva, a visão do mundo, os preconceitos, tendências, pontos de vista, opiniões, tudo colabora para a expressão verbal ser de determinada forma. O autor ressalta a importância do Outro, para quem um enunciado se torna um pensamento real pela primeira vez. Esse Outro é, por meio de sua audiência, um dos principais colaboradores na constituição do fundo perceptivo sobre o qual o discurso é recebido (BAKHTIN, 2011).

10. O problema está na exacerbação da individualidade e no menosprezo pelo dialogismo real!

11. É o que Rajagopalan e Bhabha atualmente chamam de “tradução”, processo em que se parafraseia o enunciado do outro, repensando-o.



O russo prima que a divisão da sociedade em classes, em que se busca fortuna privada e notoriedade pública¹², é o que faz nascerem as diferenças entre os vários gêneros de discurso. Diz isso para consignar/reafirmar que, em verdade real, todo enunciado carrega sempre, quase de maneira indelével, as ideologias de significação dos anseios de uma classe.

Nessa perspectiva, o autor enfeixa que a significação pertence ao signo, que é ligado a um respectivo gênero, e não à palavra. Significação não é uma coisa. Para melhor entendermos, forja um exemplo: comemos uma maçã e não a significação dela! (BAKHTIN, 2014). O autor define significação como sendo o conjunto de elementos da enunciação que são idênticos e reiteráveis cada vez que são diccionados/realizados.

Em suma, é um aparato linguístico que garante a realização do tema. Desse modo, mesmo em um solilóquio o locutor estará exalando um enunciado que tem alguma significação (BAKHTIN, 2011). Além disso, para o autor toda fala é uma apreciação do que foi dito antes. Portanto, todo enunciado tem um caráter apreciativo em relação ao seu precedente.

Para Bakhtin, nada obstante os signos somente apareçam em plasmas coletivos, tudo o que existe passou antes pelo psiquismo de alguém. Dessa forma, todo produto da ideologia, embora seja marcado pelo horizonte social de uma época, pode vir a levar consigo um selo da individualidade de seus criadores (grupos e classes sociais). Ademais, o filósofo acredita que a língua(gem) está em constante evolução/modificação, não sendo uma obra acabada (*ergon*), mas sim um sistema ideológico e cambiante (*energeia*) (BAKHTIN, 2014).

12. Pensamos que no Brasil do século XXI é exatamente isso o que vigora. As pessoas querem fama, notoriedade pública, querem vencer na (a) vida de forma rápida, criam perfis em redes sociais, tiram *selfies* e *selfies*, postam na *internet* e ficam apreensivas a esperar quantas pessoas irão "curtir" e comentar. Querem o **público** de forma demasiada. Contudo, na hora de dividir, de ajudar o próximo (e o distante também), preferem fortunas **privadas**.



Finalizando este singelo esforço do pensamento bakhtiniano, devemos, pois, saber que essencialmente para Bakhtin (2012, p. 57), “o ato [humano] se desenvolve e vive em um mundo que não é um mundo psíquico”, mas um mundo real e palpável onde as pessoas se relacionam e interagem a todo o momento.

Para o autor, o existir:

[...] como evento singular não é algo pensado: tal existir é, ele se cumpre realmente e irremediavelmente através de mim e dos outros – e, certamente, também no ato de minha ação-conhecimento; ele é vivenciado, asseverado de modo emotivo-volitivo, e o conhecer não é senão um momento deste vivenciar-asseverar global¹³. A singularidade única não pode ser pensada, mas somente vivida de modo participativo (BAKHTIN, 2012, p. 58).

Ou seja, para Bakhtin não posso pensar a vida, pensar em viver. Quando penso já estou vivendo. Mas, para o autor, com efeito, posso sim pensar em uma ética para minha vida. Esta foi uma das grandes questões de Bakhtin que, segundo vários autores, teve a pretensão de desenvolver uma “Filosofia primeira”, uma ética universal. Bakhtin escreveu várias coisas sobre isso, mas não teve tempo para finalizar, aperfeiçoar, especificar.

De Bakhtin vem a lição sobre ser preciso que problematizemos nossa(s) linguagem(ens) no dia a dia, na rua, nas escolas, universidades, em todo o lugar. A compreensão de que vencer ou modificar as ideologias malélicas que nos oprimem é factível reside na percepção da linguagem como motor da sociedade. Nossas vidas, pequenas e curtas vidas, singelas vidas do dia a dia, são importantes. Somos todos únicos e irrepetíveis. “A ‘ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas” (YAGUELLO, 2014, p. 16). De cadinho em cadinho podemos muito.

13. O conhecer não é tudo, não é toda a vida. Tanto a nós quanto ao leitor, a leitura do presente texto (seu conhecer), por exemplo, é apenas um momento de nossas vidas, que é bem mais que somente isso.



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. 2. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2012.
- _____. (VOLÓSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. *Problemas na poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CABETTE, Eduardo Luiz Santos. *Bakhtin e o Direito: uma visão transdisciplinar*. Porto Alegre: Núria Fabris, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo – as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. *Autor e autoria*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 37-60.
- FARIA E SILVA, Adriana Pucci Penteadado de. *Bakhtin*. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 45-69.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. Versão ePUB 2.0. São Paulo: Ática, 2011.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Dicionário de linguística da enunciação*. Organizadores: Valdir do Nascimento Flores [et al.]. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. *Introdução à linguística da enunciação*. Organizadores: Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira. São Paulo: Contexto, 2008.
- SIGNOR, Rita. BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso* (Resenha). BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306. *Revista Gatilho (UFJF)*, Juiz de Fora, n. 12, 2009, p. 1-6. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/RESENHA1.-Os-generos-do-discurso.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019.



SOBRAL, Adail. *Ato/atividade e evento*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 11-36.

YAGUELLO, Marina. *Introdução: Bakhtin, o homem e seu duplo*. In: BAKHTIN, Mikhail (VOLÓSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014, p. 11-19.



A large, stylized red profile of a face with a beard, set against a background of a person reading a book. The face is rendered in a vibrant red color with a textured, almost fibrous appearance. The background is a grayscale image of a person's head and shoulders, looking down at an open book. The overall composition is layered and artistic.

3

Fernando Barcellos Razuck
Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck

A RELAÇÃO ENTRE BAKHTIN E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.669.50-69



Resumo: A psicologia histórico-social, da qual Bakhtin é um dos principais expoentes, possui grande relevância em diferentes áreas do conhecimento, inclusive em discursos que envolvam a Comunicação Científica. A análise destes discursos se deve a uma forte presença ideológica da Ciência e Tecnologia (C&T), que encontra-se cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Neste sentido, este capítulo faz uma revisão das publicações sobre Comunicação Científica que utilizaram Bakhtin como referencial teórico, principalmente àquelas relacionadas ao processo de educação científica. Assim, entende-se que apesar da relevância do autor, as pesquisas voltadas para a educação científica com enfoque na Comunicação Científica estão em crescimento no país, podendo-se afirmar que Bakhtin possui grande importância nas discussões para a construção de uma sociedade mais crítica com relação à prática da C&T.

Palavras-chave: Bakhtin, Comunicação Científica, Educação Científica.

A QUESTÃO DA IDEOLOGIA NA EDUCAÇÃO E NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

De acordo com a psicologia sócio-histórica ou sócio-cultural, o aluno tem papel central no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que é visto como um ser atuante e participativo. O enfoque desta psicologia se dá na atenção especial às relações dialógicas que derivam da interação entre alunos e destes com professores. A partir da interação social do aluno é possível se remeter ao seu desenvolvimento intelectual durante o processo de ensino e aprendizagem, conforme defendido pelos autores que seguem esta linha da psicologia sócio-histórica, como Bakhtin e Vygotsky.

Nesse sentido é importante que sejam estudados os meios de comunicação, principalmente quando entende-se a educação como um processo de construção dialógica do conhecimento. Dessa maneira, o processo de aprendizagem ocorreria por meio da negociação de significados em um espaço comunicativo (no caso, as interações discursivas são consideradas como constituintes do processo de construção de significados), e não como uma simples substituição de concepções prévias.

Logo, o processo de significação está relacionado com a construção de significados (conceitualização), uma vez que os significados são entendidos como polissêmicos e polifônicos, criados a partir da interação social, para que então sejam internalizados pelos indivíduos. Deve-se então levar em consideração que o aluno constrói em sua prática social cotidiana, um conhecimento do mundo que o cerca. Esse conhecimento cotidiano ou do senso comum, permite-o interagir de forma bastante eficiente com sua realidade natural e social (ROCHA, 2010, p. 28).

Assim, a educação contemporânea vem adotando diferentes caminhos para a sua realização, não se restringindo mais



necessariamente ao ambiente escolar, sendo por isso cada vez mais comum a utilização de variados meios de comunicação para que sejam alcançados os objetivos educacionais. Como exemplo dessa nova forma de educação, a psicologia sócio-histórica ou sócio-cultural vem influenciando, nos últimos anos, as pesquisas em Educação em Ciências sobre a questão da significação, principalmente em sala de aula (MORTIMER; SCOTT, 2002).

Ou seja, pretende-se compreender como o discurso está relacionado com a construção de significados na Educação em Ciências. Dessa forma, uma ferramenta que se apresenta no estudo da linguagem em aulas de ciências seria por meio da definição de “gênero de discurso” em Bakhtin, uma vez que, para Bakhtin, “cada esfera na qual a linguagem é usada desenvolve seus tipos relativamente estáveis de enunciados. A isso nós podemos chamar de gêneros de discurso” (BAKHTIN, 1988, p. 60).

Para Marandino et al. (2004), a educação em ciências é uma prática social que vem sendo cada vez mais desenvolvida nos chamados espaços não formais de educação, existindo praticamente um consenso com relação a sua importância para a compreensão de conhecimentos científicos. Entende-se assim ser importante compreender como o aspecto dialógico é percebido nos processos comunicacionais da ciência.

Isso porque, conforme defendido por Rocha (2010), com a crescente importância da ciência na atualidade, deve ser cada vez mais reforçada a necessidade de uma cultura científica, para que o indivíduo desenvolva noções científicas que representem subsídios para a formação de sujeitos críticos, o que remete ao questionamento da noção da ciência como um conjunto de verdades absolutas. Segundo o autor, para isto, faz-se necessário trabalhar com os alunos no sentido de desmistificar o papel da ciência, mostrando que esta é um processo permanente



de construção, situado historicamente e influenciado por condicionantes sócio-culturais específicas.

Atrelado a isso, para Rocha (2010), os avanços tecnológicos acabaram por democratizar o acesso à informação, gerando novos paradigmas no campo da educação, perdendo o sentido, por exemplo, de se oferecer uma educação segmentada e baseada no acúmulo de informações. Os conceitos apresentados, de acordo com o autor, devem considerar agora os contextos social, econômico, histórico e tecnológico presentes na realidade do estudante, gerando possibilidades para a inserção em uma sociedade permeada pelo discurso científico, com o objetivo de desenvolver as condições para o exercício da cidadania.

Assim, a educação científica, realizada por meio da comunicação científica, por exemplo, por ter a capacidade de estimular a curiosidade, acaba por auxiliar no desenvolvimento das habilidades necessárias para o debate das questões da Ciência e Tecnologia (C&T) presentes no cotidiano do cidadão, auxiliando dessa forma na construção da chamada cultura científica.

Especificamente com relação ao processo de educação não formal, diversos autores a definem de acordo com o espectro de análise adotado. Deve-se assim levar em consideração a importância da interação comunicacional no processo educativo (GOHN, 1999). Para Gohn (1999), a educação não formal está relacionada a uma concepção mais ampla de educação, associada ao conceito de cultura. Desse modo, esta modalidade trata de um processo com várias dimensões relativas à: aprendizagem política dos direitos civis; capacitação para o trabalho; aprendizagem de habilidades e exercício de práticas para a solução de problemas coletivos; aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, em formas e espaços diferenciados; e a educação desenvolvida na e pela mídia.



A autora destaca ainda os vários espaços onde se desenvolvem as atividades de educação não formal, como as associações de bairro, os sindicatos, as organizações não-governamentais, os espaços culturais e as próprias escolas, ou seja, nos espaços interativos com a comunidade educativa. Desse modo, a educação não formal teria como pressuposto a formação para cidadania, e a aprendizagem se daria por meio das práticas sociais, de forma que os cidadãos tenham competência para compreender as informações e se tornarem capazes de fazer uma leitura crítica do mundo, para o exercício da cidadania.

Assim, há hoje evidências de que o processo de educação não formal, como o que acontece em espaços públicos de exposições de C&T, revistas e jornais de divulgação científica, por exemplo, contribui para o interesse dos estudantes pelas ciências e também para a aprendizagem científica (SABATTINI, 2007).

Logo, divulgar a ciência não se restringiria apenas a informar sobre as suas práticas e avanços, mas sim auxiliar na construção de um conhecimento teórico que envolva a população a ponto de envolvê-la nas esferas de discussão sobre a C&T. Isso vai ao encontro no que diz respeito ao ensino de ciências com ênfase em CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade).

Para Santos e Mortimer (2002), o objetivo central da educação de CTS seria desenvolver a alfabetização científica e tecnológica dos cidadãos, auxiliando na construção de conhecimentos, habilidades e valores necessários para tomada de decisões sobre questões da C&T na sociedade de forma ativa, não restringindo esse debate necessariamente ao ensino tradicional, uma vez que o mais importante é a formação de um cidadão participativo para atuar na solução de tais questões. Entretanto, conforme apontado tanto por Marandino et al. (2004) quanto por Santos e Mortimer (2002), deve-se levar em consideração a gama de interesses contida nos



discursos da C&T, inclusive a ideológica, de maneira que a população em geral deve ser alertada e informada sobre as possibilidades e os riscos inerentes às práticas científicas.

Vale também vincular os termos relacionados ao processo de comunicação científica entre si e com o processo de educação não formal. Primeiramente, de acordo com Jacobucci (2008), várias expressões têm sido utilizadas por pesquisadores brasileiros para aproximar ciência e a população, como alfabetização científica, letramento científico, divulgação científica, comunicação científica e popularização da ciência, sendo que no exterior está em voga a expressão “cultura científica”.

Especificamente sobre a comunicação científica, para Bueno (2009, p. 160), esta se refere “à transferência de informações científicas, tecnológicas ou associadas às inovações, elaboradas a partir de um discurso especializado e dirigidas a um público seletivo, formado por especialistas”. Nesse sentido, a princípio, o processo de comunicação ocorreria de uma forma determinada para um alvo específico. Existiriam, na verdade, três termos diretamente relacionados à comunicação da ciência: difusão, disseminação e divulgação.

O autor entende que esses termos, mesmo se articulando em terreno comum ao universo da ciência, assumem contornos próprios. No caso, a difusão se dividiria em disseminação e divulgação, sendo que a disseminação estaria mais voltada para a comunicação científica entre os cientistas (intrapares), enquanto que a divulgação seria a comunicação direcionada ao público leigo. Dessa forma, a divulgação científica seria o termo relacionado à comunicação para o público em geral.



BAKHTIN COMO REFERENCIAL TEÓRICO EM TRABALHOS SOBRE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Este capítulo tem por objetivo mostrar uma revisão bibliográfica de trabalhos que relacionam Bakhtin ao processo de Comunicação Científica, uma vez que se entende que este processo está arraigado de ideologias e interesses em seu discurso. Dessa forma, foi feita uma revisão de trabalhos publicados no Brasil, que relacionam a questão da comunicação científica com a educação científica, e que utilizam Bakhtin e o seu Círculo como referencial teórico, a fim de se mostrar a relevância do autor para a área. Os trabalhos serão apresentados, resumidamente, em ordem cronológica (e alfabética dentro do mesmo ano) de publicação.

Zamboni (1997) discute as representações da Divulgação Científica (DC) encontradas em materiais de divulgação, tanto do ponto de vista sociocultural, quanto do ponto de vista textual-discursivo, detectando alguns problemas da divulgação, a partir do discurso-fonte “D1” (o da ciência) e o discurso-segundo “D2” (cotidiano). Conclui então que a DC constitui um gênero particular no conjunto dos demais discursos das diferentes áreas de funcionamento da linguagem, sujeito a condições de produção diversas com relação ao discurso científico, dependendo do público-alvo, do discurso e do tratamento dado ao assunto.

Zamboni (2001) afirma que a DC se apresenta como um novo discurso, “que se articula, sim, com o campo científico – e o faz sob variadas formas – mas que não emerge dessa interferência como o produto de uma mera reformulação de linguagem” (Ibid., p. xvii). Para a autora, no caso do discurso da DC, em comparação ao discurso científico, a linguagem do cientista passa por um processo de “facilitação”, de modo a adequar-se ao ouvinte, favorecendo a compreensão do assunto por parte do interlocutor.



Grigoletto (2005) investigou o funcionamento da DC nas revistas *Superinteressante* e *Ciência Hoje*, partindo da concepção da ciência enquanto prática social e ideológica, utilizando como referencial a Análise do Discurso, trabalhando simultaneamente com Bakhtin, Michel Foucault e Michel Pêcheux. Nesse trabalho o autor analisou como os diferentes sujeitos (no caso, jornalista, cientista e leitor) se constituem no discurso da DC, já que são interpe-lados tanto pelo poder/verdade da ciência e da mídia, o que, para a autora, deixa claro o perfil heterogêneo do discurso.

El-Hani e Sepúlveda (2007), ao apresentarem referenciais teóricos e procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa sobre a relação entre educação científica e cultura, utilizam a teoria da linguagem de Bakhtin para estudar a maneira como os alunos de formação religiosa reagem quando se apropriam do discurso científico, a fim de compreender a forma com que as vozes religiosas e científicas interagem na construção do discurso sobre a natureza.

Ferraz (2007) analisou os gêneros da DC, mas agora na *internet*. A autora estudou a forma com que o discurso da DC é constituído nesse espaço, especificamente nos gêneros artigo e reportagem, por meio das relações dialógicas estabelecidas pela utilização de *links*. A autora constatou que o uso dos *links* é estabelecido de acordo com o gênero, determinando para isso diferentes relações semântico-axiológicas por meio da hipertextualidade.

Cunha (2008) analisou as concepções de ciência presentes no jornalismo científico sob a perspectiva teórica do Círculo de Bakhtin, concluindo que os jornalistas acabam por trazer uma visão do cientista como um portador de verdades indiscutíveis, como as que povoam o imaginário social, levando a entender que a ciência é uma atividade realizada por gênios, vista como uma prática essencialista e isenta de discussões, o que acabaria por conduzir a concepções de ciência estereotipadas, equivocadas ou até mesmo



incorretas. Nesse sentido, para a autora, fica evidente a importância de Bakhtin e seu círculo para o estudo do processo de comunicação científica, tendo em vista que todo processo comunicacional é, na verdade, um processo dialógico, onde a forma como o locutor dirige-se ao destinatário depende do gênero do discurso, e este depende da especificidade da comunicação.

Giordan (2008), ao pesquisar o desenvolvimento cultural humano sob a perspectiva da teoria sociocultural, estudou o computador como uma estação de trabalho que ajuda a mediar atividades organizadas a partir de diversas interfaces, o que leva a elaboração de significados e interações discursivas, facilitando o aprendizado para a educação científica. Assim, a partir da teoria de Bakhtin, Giordan (2008) construiu ferramentas de análise para interpretar os processos de construção de significados, a fim de se organizar atividades de ensino mediadas pelo computador.

Grillo (2008), ao investigar a pertinência da distinção entre gêneros primários e secundários no conjunto da obra de Bakhtin e seu Círculo, entende que esse diálogo levou a uma importante tomada de posição que servirá para a metodologia de abordagem dos gêneros literários na sua inter-relação com o conjunto da cultura e com as diversas esferas da ideologia do cotidiano, o que foi atestado no trabalho da análise de um gênero da DC. A autora conclui, então, que a reflexão sobre a DC, tomada como uma modalidade de relação dialógica, evidencia os traços caracterizadores da ampliação da circulação dos produtos culturais de uma esfera ideológica (a científica), para outros domínios da cultura brasileira.

Cunha (2009), analisando os aspectos que envolvem a educação formal e a mídia, desenvolveu uma tese sobre a percepção que estudantes de Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo tinham sobre a C&T e a conseqüente relação destas percepções com a DC, já que, para a autora, o indivíduo convive em um



contexto sociocultural que, por meio de interações, constrói significados. Como suporte utilizou a Teoria Sociocultural de Vygotsky e os estudos de Bakhtin sobre análise do discurso. Segundo a autora, é bastante útil a leitura crítica da DC pelos estudantes, o que pode ocorrer por meio de interações com textos nas aulas de Ciências. Conclui, então, que as significações atribuídas pelos indivíduos aconteciam tanto no nível das percepções quanto da formação dos conceitos, o que leva a entender como estes estudantes interagem com tais percepções e com as publicações sobre a C&T.

Para Cunha e Giordan (2009) o discurso da divulgação científica destinado ao grande público é uma questão que, devido a sua complexidade e em função da mudança de um discurso que sai da esfera científica e vai para esfera midiática, deve ser analisada pelas teorias da análise do discurso, buscando entender como ocorre a construção deste discurso. Assim, utilizam o conceito de gênero em Bakhtin, para verificar a estruturação do discurso da divulgação científica, já agora considerado como um gênero próprio de discurso. No caso, os autores fizeram um estudo sobre as implicações da introdução da divulgação científica em sala de aula.

Cavalcante Filho (2010) também estudou os reflexos da evolução a respeito dos gêneros discursivos (antecipados por Bakhtin) e as relações entre linguagem e sociedade encontrados nos textos de DC. Segundo o autor, isso é importante, pois os textos de DC se constituem um gênero que mescla diferentes domínios discursivos, advindos de diferentes áreas das ciências em conjunto com o discurso jornalístico e com o discurso do cotidiano, tendo como finalidade adaptar-se aos interesses e às necessidades sócio-históricas dos indivíduos. Caberia então à escola aprimorar os gêneros que, normalmente, não são do âmbito da experiência cotidiana dos alunos, visando ampliar seu universo de conhecimento, o que tornaria o aluno apto a integrar, na sua prática de produção e recepção, novas modalidades discursivas.



Almeida (2011) trata das interações e práticas de letramento mediadas pelo uso da revista *Ciência Hoje das Crianças (CHC)* em sala de aula, tendo como perspectiva teórico-metodológica de análise nas concepções de Bakhtin acerca da interação verbal e na análise microgenética. Buscou-se entender o debate sobre o discurso de divulgação científica e a polifonia do termo letramento para o entendimento das interações e práticas desse discurso, em uma sala de aula de Ciências com crianças do 2º ciclo. A presença da revista evocaria práticas já consolidadas na sala de aula, mas por outro lado indicam tensões e conflitos que vão permitindo a emergência de novas práticas.

Cavalheiro et al. (2011) analisaram a transposição do discurso da ciência para o da DC, tendo como base Bakhtin, Authier-Revuz e Orlandi (2001), analisando publicações da revista eletrônica *Amazonas Faz Ciência*, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), que tratavam da questão da saúde no estado do Amazonas. Os autores concluíram que embora haja uma transposição do discurso científico para a DC, ainda existe uma manutenção do efeito da ciência na linguagem empregada, e questionam se de fato a difusão da ciência está ocorrendo, ou seja, se a revista tem conseguido atingir o leitor e fazer com que este consiga apreender os sentidos esperados, sejam aqueles ressignificados pelo divulgador ou pelos cientistas.

Fonseca (2011) analisou uma escola pública, no 4º e 5º anos do ensino fundamental nas aulas de Língua Portuguesa, na qual se selecionaram para análise as produções escritas de um aluno relativas ao gênero de DC. Segundo a autora, o gênero da DC tem relevância social por ser lido e discutido dentro e fora da escola, contribuindo para a formação científica do aluno por trazer a linguagem da ciência e a observação do real com os avanços científicos e tecnológicos, apesar de ser um gênero pouco estudado e explorado pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental.



Prado (2011) buscou compreender como ocorre a atividade de leitura do gênero de divulgação científica em classes de 2ª e 4ª séries (atualmente denominadas de 3º e 5º anos) do ensino fundamental de duas escolas estaduais da Diretoria de Ensino da região de Marília-SP. A pesquisa foi do tipo etnográfico e os dados gerados foram analisados de acordo com a metodologia de análise micro-genética e segundo os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, da perspectiva de linguagem de Bakhtin. Com o resultado dessa avaliação, foi possível localizar as escolas que obtiveram o melhor desempenho (MD) e o pior desempenho (PD) na avaliação de Língua Portuguesa do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) de 2008, nos itens referentes à leitura do texto informativo de divulgação científica.

Socoloski (2011) avaliou o papel da linguagem e das relações interpessoais no gênero notícia de popularização da ciência (PC). De acordo com a pesquisa, o gênero notícia de PC pode ter um papel importante no contexto de ensino e de aprendizagem de línguas para alunos que estão no Ensino Médio e/ou alunos que ingressam na Universidade, como ferramenta para a educação linguística sob a perspectiva do desenvolvimento de letramento científico. Buscou-se, então, discutir uma proposta didática de letramento científico por meio da análise de atividades de leitura publicadas em um livro didático de língua inglesa aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático 2012, por meio de uma análise crítica usando, entre vários autores, as teorias de gêneros discursivos em Bakhtin.

Firme (2012) investigou como professores de química constroem seus discursos quando trabalham conceitos científicos da Termoquímica em uma abordagem CTS, buscando compreender as condições de produção desses discursos e as construções discursivas para o processo de construção de significados dos conceitos científicos trabalhados para a vivência de uma abordagem CTS



em sala de aula. A metodologia seguiu os parâmetros de uma pesquisa qualitativa interpretativa e na análise foi utilizada a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau e a Teoria da Enunciação de Bakhtin. Os resultados mostraram que a construção discursiva emergiu em função de identidades psicossociais institucionalmente legitimadas para o professor e os estudantes que implicou numa relação assimétrica na sala de aula.

Guzman (2012) analisou a produção do discurso expositivo dos profissionais que assumem o papel de conceitores em museus de ciências, usando como referencial teórico a abordagem sócio-histórica para o estudo da linguagem de Bakhtin e seu Círculo. A pesquisa fundamentou-se em duas etapas complementares, sendo a primeira voltada ao estudo das exposições dos museus de ciências enquanto esfera de atividade e a segunda etapa procurou focalizar a dimensão enunciativo-discursiva das produções discursivas dos profissionais que participam da concepção e do desenvolvimento da exposição do Museu de Microbiologia. Os autores concluem que a exposição de museus de ciências poderia ser considerada um gênero de discurso de caráter híbrido, do ponto de vista enunciativo-discursivo.

Souza (2012) buscou categorizar as perguntas feitas pelo professor em aulas investigativas e verificar de que forma essas perguntas podem auxiliar os alunos a desenvolver aspectos relacionados à alfabetização científica, circunscrito à dimensão discursiva de Bakhtin e Vygotsky, à dimensão epistemológica de Bachelard, à dimensão social e política de Freire e aos aspectos discursivos de Mortimer e Scott. As categorias de perguntas feitas foram classificadas como de problematização, sobre dados, exploratórias, sobre processo e perguntas de sistematização. Os autores concluem que as perguntas têm um papel importante no desenvolvimento da alfabetização científica nos alunos e podem oferecer um ambiente dialógico e propício para a argumentação em sala de aula, auxiliando na construção dos significados em atividades investigativas de Física.



Lima e Giordan (2013) realizaram um estudo de caso sobre a interferência de discursos e os discursos citados presentes no discurso da DC, uma vez que este é produzido em meio à interação dialógica entre várias esferas de ação, como a científica, jornalística e educacional. Os autores ao analisarem uma série de artigos publicados, no período de um ano, no sítio do instituto *Ciência Hoje*, apontaram algumas características do gênero discursivo da DC, com base no aporte teórico proposto por Bakhtin e seu Círculo. Para os autores, a utilização de discursos citados tem a função de reforçar uma postura dogmática e autoritária que considera a ciência moderna como a única forma verdadeira de compreender os fenômenos naturais e o mundo, servindo também para convalidar e legitimar as ideias defendidas pela ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo-se da lógica de que todo cidadão deve possuir uma visão crítica sobre a C&T, de forma que a educação científica tenha como objetivo a compreensão pública da ciência, este capítulo partiu da premissa de que a dupla C&T é inerente à sociedade contemporânea, sendo praticamente impossível dissociá-la das atividades do cotidiano, tendo em vista a gama de produtos disponíveis para as mais variadas aplicações.

Apesar dessa grande influência, e, na verdade, tendo em vista a necessidade de se compreender a C&T como uma atividade humana, oriunda de uma construção histórica e social, na qual os seus produtos derivam dos mais variados interesses, inclusive com questões ideológicas envolvidas, é que se entende ser cada vez mais necessário integrar o cidadão comum nas discussões das esferas da C&T, por considerá-lo como parte integrante da cultura científica.



Assim, uma ferramenta que se disponibiliza, tanto dentro quanto fora de sala de aula, seria por meio da comunicação científica (apresentada aqui sob diferentes termos, como alfabetização, divulgação, letramento, por exemplo), e que demonstra a sua importância tendo em vista a grande quantidade de informações que o desenvolvimento científico apresenta. Logo, a educação científica não formal está relacionada diretamente com o compromisso com a aprendizagem, uma vez que se torna eficaz no processo de letramento científico dos cidadãos.

Levando-se em consideração a relevância do processo de discurso e da interação em Bakhtin, atrelado ao fato de que o processo comunicacional, inserido em um contexto interativo, pode levar à construção de significados e a consequente conceitualização (como nos processos comunicacionais que ocorrem fora do ambiente escolar, nos chamados espaços não formais de educação), buscou-se fazer um levantamento das pesquisas e trabalhos realizados nos últimos anos no país sobre a importância de Bakhtin na análise das práticas de comunicação científica, especificamente àquelas relacionadas com o processo de ensino aprendizagem em ciências

Nas revisões apresentadas sobre os termos utilizados para a comunicação científica e para educação científica, foram mostradas algumas variáveis com relação à sua prática e ambientes para a sua aplicação, como por exemplo, a relação entre a educação e cultura, a transposição do discurso, espaços virtuais, as representações, tentando-se sempre relacionar as definições apresentadas com a teoria de Bakhtin e seu Círculo. Vale destacar aqui que, independente do termo a ser usado no processo da comunicação científica, o mais importante é destacar o esforço que deve ser dado para se levar o conhecimento científico à população em geral, para que desenvolva um embasamento teórico visando a discussão em sociedade das questões relativas à C&T.



Portanto, é cada vez mais necessário o estudo dos interesses por trás dos discursos da ciência, e verificar de que forma o aspecto educativo é apresentado. Deve-se também levar em consideração que se trata de um processo dialógico de ensino-aprendizagem, na qual variados gêneros de discursos são apresentados, e, por isso, caberia uma correlação com Bakhtin e seu Círculo.

Partindo-se então do entendimento dos processos de comunicação científica como um gênero dialógico, fica clara a importância do autor como instrumental teórico na análise dos estudos dos processos do discurso da ciência, uma vez que, por meio do dialogismo, apontado por Bakhtin e seu Círculo, seria possível relacionar os processos de ensino e aprendizagem, importantes na educação científica, com o desenvolvimento cultural do indivíduo (mais especificamente da cultura científica).

Nessa perspectiva, evidencia-se a relevância da relação existente entre a teoria de Bakhtin e seu Círculo com os processos de comunicação científica, devido ao fato de que o discurso desenvolvido por meio de um debate produzido a partir de fatos do cotidiano (não formal), quando inseridos em sala de aula (formal), se torna essencial no processo de ressignificação do conhecimento científico para o indivíduo. Portanto, o entendimento da comunicação científica como uma modalidade de relação dialógica demonstra a forte presença ideológica da ciência, o que destacaria ainda mais a importância de Bakhtin no processo de comunicação científica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. de. *Interações e práticas de letramento mediadas pela revista Ciência Hoje das Crianças em sala de aula*. (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo – pesquisa já identificada para Bakhtin e Comunicação. 2011.



BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 4ª. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BUENO, W.C. *Jornalismo Científico: revisitando o conceito*. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. *Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo, All Print, p. 157-178, 2009.

CAVALCANTE FILHO, U. *Como funciona o discurso do gênero divulgação científica?* In: XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia (CNLF) - UERJ, 2010, Rio de Janeiro - RJ. *Cadernos do CNLF (CiFEFiL)*. Rio de Janeiro - RJ: CiFEFiL, v. XIV. p. 757-770, 2010.

CAVALHEIRO, J.; TOMÁS, R. N.; NEVES, A. *As fronteiras entre o discurso científico e a divulgação científica: uma análise de matérias da revista Amazonas faz Ciência*. *Areté(Manaus)*, v. 4, p. 148-157, 2011.

CUNHA, M. *Concepções de ciência no jornalismo: uma análise da divulgação da ciência em jornais*. In: II Simpósio Internacional de Análise crítica do discurso e Encontro Nacional de Interação e linguagem verbal e não verbal, 2008, São Paulo. *Anais do VII ENIL*. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/60_Marcia_BC_revisto_.pdf>. Acesso em: 08 de abril de 2015.

CUNHA, M.; GIORDAN, M. *Divulgação científica como um gênero de discurso: implicações na sala de aula*. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009, Florianópolis. *Anais do VII ENPEC*. Belo Horizonte : ABRAPEC, 2009.

EL-HANI, C. N.; SEPÚLVEDA, C. *Referenciais teóricos e subsídios metodológicos para a pesquisa sobre as relações entre educação científica e cultura*. In: SANTOS, F. M. T. dos; GRECA, I. M. R. (Org.). *A Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil e suas Metodologias*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

FERRAZ, F. S. M. *Gêneros da divulgação científica na internet*. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007. GERMANO, M.G.; KULESZA, W.A. *Popularização da Ciência: uma revisão conceitual*. *Cad. Bras. Ens. Fis.*, v. 24, n. 1: p. 7-25, abr., 2007.

FIRME, R. do N. *A abordagem ciência-tecnologia-sociedade (CTS) no ensino da termoquímica: análise da construção discursiva de uma professora sobre conceitos científicos*. Tese. (Doutorado em Educação – Planejamento Educacional) Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2012.



FONSECA, M. *Aprendizagem do gênero de divulgação científica em anos iniciais do ensino fundamental*. (Dissertação em Educação) Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2011.

GIORDAN, M. *Computadores e linguagem nas aulas de ciências: uma perspectiva sociocultural para compreender a construção de significados*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

GOHN, M. G. M. *Educação Não Formal: um novo campo de atuação*. Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 6, n.21, p. 511-526, 1999.

GRIGOLETTO, E. *O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, 2005.

GRILLO, S. V. C. *Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica*. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 52, p. 57-79, 2008.

GRUZMAN, C. *Educação, ciência e saúde no museu: uma análise enunciativo-discursiva da exposição do museus de microbiologia do Instituto Butantan*. Tese. (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

LIMA, G. S.; GIORDAN, M.. *O discurso citado na divulgação científica: alguns apontamentos*. In: XX Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2013, São Paulo. Anais do XX Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2013.

MARANDINO, M.; SILVEIRA, R. V. M. ; CHELINI, M. J. e ; GARCIA, V. A. R. ; MARTINS, L. C. ; LOURENÇO, M. F. ; FLORENTINO, H. A. *A Educação Não Formal e a Divulgação Científica: o que pensa quem faz?* In: IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências - ENPEC, 2004, Bauru. Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências - ENPEC, 2004.

MORTIMER, E. F.; SCOTT, P.H. *Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino*. Investigações em Ensino de Ciências (Online), Porto Alegre - RS, v. 7, n.3, p. 7, 2002.

PRADO, V. A. do. *O gênero de divulgação científica: leitura, ensino e avaliação em classes de terceiro e quinto anos do ensino fundamental*. Dissertação. (Mestrado em Educação – Ensino-Aprendizagem) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília. 2011.

RAZUCK, F. B.; RAZUCK, R.C.S.R. *A Importância de Bakhtin e seu círculo no processo de comunicação científica no Brasil*. Revista Práxis, 2017.



RAZUCK, F. B.; RAZUCK, R.C.S.R. *Conhecimentos produzidos acerca da comunicação científica em Bakhtin: uma incursão nas dissertações e teses brasileiras*. Revista Práxis, 2018.

ROCHA, M. B. *Textos de divulgação científica na sala: a visão dos professores de ciências*. Revista Augustus (Rio de Janeiro. Impresso), v. 14, p. 24-34, 2010.

SABBATINI, M. *Museus e centros de Ciência virtuais: uma nova fronteira para a cultura científica*, 2007. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura14.shtml>>. Acesso em 15 de setembro de 2007.

SANTOS, W.L.P; MORTIMER, E.F. *Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência - Tecnologia – sociedade) no contexto da educação brasileira. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências*, vol. 2/ nº 2, dez., 2002.

SOCOLOSKI, T. da S. *Letramento científico crítico e gênero notícia de PC: análise de atividades didáticas de leitura em língua inglesa*. (Dissertação em Letras) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2011.

SOUZA, V. F. M. *A importância da pergunta na promoção da alfabetização científica dos alunos em aulas investigativas de física*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Matemática – Modalidade Física, Química e Biologia) Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

ZAMBONI, L.M.S. *Heterogeneidade e Subjetividade no Discurso da Divulgação Científica*. Tese (doutorado), Unicamp, FE, 1997.

_____. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2001.



AUTORES E AUTORAS

FERNANDO BARCELLOS RAZUCK

Doutor em Educação, Meste em Biologia Molecular e Químico pela Universidade de Brasília. Tecnólogo em Biotecnologia / Química pelo CEFET-RJ. Atualmente é Analista em Ciência e Tecnologia do Instituto de Radioproteção e Dosimetria. É membro de comitê assessor do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (Ciência, Tecnologia e Inovação). Atua principalmente nos seguintes temas de pesquisa: Popularização da Ciência, Movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e Experimentação no Ensino de Ciências.

E-mail: razuckdabrasilia@hotmail.com"

RENATA CARDOSO DE SÁ RIBEIRO RAZUCK

Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Didática da Faculdade de Educação - FE, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atua nas disciplinas de Didática da Libras I e II e Prática de Ensino de Libras. É membro da Coordenação de Estágios da Faculdade de Educação - UFRJ. É Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade de Brasília, Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UNEB, Licenciada em Química pela Universidade de Brasília e Tecnóloga em Biotecnologia / Química (ETFQ-RJ). Possui experiência em docência na Educação Básica (Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEDF) na área de Ciências, Química e Libras, também em cursos de formação inicial e continuada de professores (Licenciatura em Química IQ/UnB, Licenciatura em Ciências Naturais FUP/UnB e Especialização de Professores CEAD/UnB). Os principais temas de pesquisa são: Formação Inicial e Continuada de Professores, Processos de Ensino e Aprendizagem, Inclusão, Surdez, Bilinguismo e Experimentação no Ensino.

E-mail: razuckrenata@gmail.com



Tayson Ribeiro Teles

É Mestre em Linguagem e Identidade (Cultura e Sociedade) pela Universidade Federal do Acre – UFAC (2016) e Bacharel em Direito pela mesma instituição (2017), com aprovação no Exame Nacional da OAB (2016). Concluiu 4 Pós-graduações Lato Sensu – Especializações, entre elas Gestão de Políticas Públicas com Ênfase em Gênero, Raça e Etnia (UFOP/MG, 2016). É licenciado em Matemática (CEUCLAR/SP, 2016) e graduado em Tecnologia em Gestão Financeira (UniSEB/Estácio-SP, 2013). É servidor público há 10 anos. Atualmente, desde 2018, é Docente do Magistério Federal – EBTT Efetivo, Dedicção Exclusiva, na área de Economia e Gestão de Finanças e Comércio, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC.

E-mail: tayson.teles@ifac.edu.br



ÍNDICE REMISSIVO

A

antibakhtiniano 16
 aprendizagem 52, 54, 55, 62, 65,
 66
 autor-criador 39

B

Bakhtin 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13,
 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20,
 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27,
 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34,
 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41,
 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48,
 49, 50, 51, 52, 53, 57, 58,
 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65,
 66, 68, 69
 bakhtiniano 14, 15, 16, 34, 38, 40,
 42, 47

C

ciências da linguagem 26
 comunicação 5, 6, 8, 22, 25, 29,
 33, 36, 38, 42, 43, 44, 45,
 52, 53, 54, 56, 57, 59, 65,
 66, 68, 69
 cotidiano 43, 47, 51, 52, 54, 57,
 59, 60, 64, 66
 criança 8
 cultura 7, 20, 53, 54, 56, 58, 59,
 64, 65, 66, 67, 69

D

dialogismo 17, 38, 39, 41, 45, 66
 didática 17, 62

discussão 38, 55, 65
 diversidade 17, 39, 44
 dostoeievskiano 40

E

educação 9, 51, 52, 53, 54, 55, 56,
 57, 58, 59, 62, 64, 65, 66,
 67, 69
 escola 59, 60, 61
 escolarização 54

F

filólogo 8, 12, 13, 31
 filósofo 6, 7, 8, 12, 13, 17, 19, 21,
 22, 23, 24, 26, 27, 31, 32,
 33, 35, 38, 40, 41, 43, 45,
 46

H

heterogeneidade 17, 69
 história 8, 12, 22, 25, 34, 39, 43
 humanos 8, 14, 15, 34, 35, 37

I

idealista 22
 ideologia 6, 12, 23, 24, 32, 33, 34,
 35, 36, 43, 44, 46, 47, 59
 ideológico 12, 23, 32, 38, 41, 46
 ideológico-dialógica 38

L

linguagem 4, 8, 10, 12, 15, 16, 17,
 22, 23, 26, 27, 28, 36, 43,
 47, 48, 49, 53, 57, 58, 60,



61, 62, 63, 67, 68
 linguístico 12, 23, 46
 lutas 14, 23, 24, 32, 33
 lutas sociais 23, 24, 32

M

marxista 12, 20
 Mikhail Bakhtin 5, 6, 8, 11, 12, 13,
 14, 26, 30, 31
 mundo físico 7

P

pensador 6, 12, 13, 15, 16, 17,
 18, 36
 prática social cotidiana 52
 psicologia 9, 51, 52, 53

S

sala de aula 53, 60, 61, 63, 65,
 66, 67
 seres humanos 8
 signológicos 15
 signos 6, 14, 15, 23, 24, 32, 33,
 34, 35, 46
 sociedade 8, 9, 12, 20, 23, 43, 46,
 47, 51, 54, 55, 60, 64, 65,
 67, 69
 socioideológica 25, 33
 sujeito 6, 7, 23, 27, 37, 38, 40,
 42, 57

T

translinguística 27



www.pimentacultural.com

FILOSOFIA E LINGUAGEM

estudos bakhtinianos

